

TRÊS ENSAIOS  
SOBRE A  
TEORIA DA  
SEXUALIDADE

SIGMUND FREUD

LITERUNICO CLÁSSICOS

DOMÍNIO PÚBLICO

# **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**

Sigmund Freud

Tradução Literunico em português brasileiro a partir da edição pública de A. A. Brill

Edição Literunico gratuita. Gerada em 20/05/2026 16:11.

## **Nota editorial**

Esta edição Literunico apresenta uma tradução em português brasileiro preparada a partir da edição pública inglesa de A. A. Brill, com o original alemão de Freud registrado como fonte histórica. Comentários, mapas de leitura e apoio didático ficam separados no Almanaque, no curso e nos arquivos de descoberta.

Auditoria: 6 seções, 344 parágrafos e cerca de 33.420 palavras.

# Sumário

1. **01** Introdução à tradução
2. **02** Prefácio do autor à segunda edição
3. **03** Prefácio do autor à terceira edição
4. **04** I. As aberrações sexuais
5. **05** II. A sexualidade infantil
6. **06** III. As transformações da puberdade

# 01. Introdução à tradução

Introdução de James J. Putnam à edição inglesa de A. A. Brill

Os um tanto famosos "Três Ensaio", que o Dr. Brill está trazendo aqui à atenção de um público leitor de língua inglesa, ocupam - por mais breves que sejam - uma posição importante entre as realizações de seu autor, um grande investigador e pioneiro em um campo importante. Não se afirma que os fatos aqui reunidos sejam totalmente novos. O tema da pulsão sexual e suas aberrações já existe há muito tempo no mundo científico e os nomes de muitos estudiosos dedicados neste vasto campo são conhecidos por todos os estudantes. Quando se ultrapassa os domínios estritos da ciência e se considera o que é relatado sobre a vida sexual nos costumes populares e na arte, e na história da cultura primitiva e no romance, as fontes de informação são imensas. Freud fez acréscimos consideráveis a esse estoque de conhecimento, mas também fez algo de consequências muito maiores do que isso. Ele elaborou, com incrível penetração, o papel que esse instinto desempenha em todas as fases da vida humana e no desenvolvimento do caráter humano, e foi capaz de estabelecer em bases firmes a notável tese de que as doenças psiconeuróticas nunca ocorrem com uma vida sexual perfeitamente normal. Outros tipos de emoções contribuem para o resultado, mas alguma aberração da vida sexual está sempre presente, como causa de emoções e repressões especialmente insistentes.

Os instintos com os quais toda criança nasce fornecem desejos ou anseios que devem ser tratados de alguma forma. Eles podem ser refinados ("sublimados"), na medida em que for necessário e desejável, em energias

de outros tipos - como acontece prontamente com o instinto lúdico - ou podem permanecer como fonte de perversões e inversões, e de desejos de novos tipos, substituídos por aqueles dos tipos mais primitivos, sob a pressão de uma civilização convencional. Os sintomas das psiconeuroses funcionais representam, de certa forma, algumas dessas tentativas distorcidas de encontrar um substituto para os desejos imperativos nascidos dos pulsões sexuais, e a sua forma depende muitas vezes, pelo menos em parte, das peculiaridades da vida sexual na infância e na primeira infância. Está a serviço de Freud ter investigado esse período de existência inadequadamente narrado com extraordinária perspicácia. Ao fazê-lo, ele deixou claro que as “perversões” e “inversões”, que reaparecem mais tarde sob formas tão marcantes, pertencem à vida sexual normal da criança pequena e são vistas, de forma velada, em quase todos os casos de doença nervosa.

Não se pode repetir com demasiada frequência que estas descobertas não representam deduções fantasiosas, mas são o resultado de observações rigidamente cuidadosas que qualquer pessoa que esteja suficientemente preparada pode verificar. Os críticos preocupam-se com a quantidade de "sexualidade" que Freud encontra evidências nas histórias de seus pacientes e presumem que ele a insere ali. Mas tais críticas são evidências de mal-entendidos e provas de ignorância.

Freud aprendera que as amnésias da hipnose e da histeria não eram absolutas, mas relativas, e que, ao encobrir as memórias perdidas, muitas outras coisas, de tipo inesperado, eram frequentemente encontradas. Outros também chegaram a esse ponto e pararam. Mas este investigador determinou que nada, a não ser a absoluta impossibilidade de ir mais

longe, deveria fazê-lo parar de incitar os seus pacientes a um exame inexorável das regiões inconscientes das suas memórias e pensamentos, como nunca tinha sido feito antes. Todas as espécies de esquecimento, mesmo o esquecimento dos anos da infância, foram obrigadas a produzir seus estoques ocultos de conhecimento; descobriu-se que os sonhos, embora aparentemente absurdos, eram intérpretes de uma classe variada de pensamentos, ativos, embora reprimidos como fora de harmonia com a vida selecionada da consciência; camada após camada, novos conjuntos de motivos subjacentes aos motivos foram revelados, e o interesse de cada paciente foi fortemente alistado na tarefa de aprender a conhecer a si mesmo, a fim de "sublimar-se" de maneira mais verdadeira e sábia. Gradualmente, outros trabalhadores juntaram-se pacientemente a este laborioso empreendimento, que hoje representa, para aqueles que se esforçaram para compreendê-lo, como de longe o movimento mais importante na psicopatologia.

Deve-se, no entanto, reconhecer que estes ensaios, dos quais o Dr. Brill deu uma tradução que não pode deixar de ser oportuna, dizem respeito a um assunto que não é apenas importante, mas impopular. Poucos médicos lêem os trabalhos de v. Krafft-Ebing, Magnus Hirschfeld, Moll e outros do mesmo tipo. Os notáveis volumes de Havelock Ellis tiveram sua publicação recusada em sua Inglaterra natal. Os sentimentos que inspiraram esta atitude hostil em relação ao estudo da vida sexual ainda estão ativos, embora se tornem cada vez menos comuns. Pode-se facilmente acreditar que, se os fatos que as pesquisas de Freud em busca da verdade o forçaram a reconhecer e a publicar não tivessem sido de tipo impopular, suas ricas e abundantes contribuições à psicologia observacional, ao

significado dos sonhos, à etiologia e terapêutica das psiconeuroses, à interpretação da mitologia, teriam conquistado para ele, por aclamação universal, o mesmo reconhecimento entre todos os médicos que recebeu de um grupo rapidamente crescente de seguidores e colegas.

Que a tradução do Dr. Brill ajude nesse sentido.

Há ainda dois pontos sobre os quais alguns comentários devem ser feitos. A primeira é que aqueles que conscientemente desejam aprender tudo o que puderem das notáveis contribuições de Freud não deveriam se contentar em ler apenas qualquer uma delas. Suas diversas publicações, como "The Textos selecionados sobre histeria e outras psiconeuroses",[1] "A Interpretação dos Sonhos",[2] "A Psicopatologia da Vida Cotidiana",[3] "O Chiste e sua Relação com o Inconsciente",[4] a análise do caso do menino chamado Hans, o estudo de Leonardo da Vinci,[4a] e os vários ensaios curtos nos quatro coletâneas de escritos breves (Sammlungen kleiner Schriften), não apenas todos juntos, mas complementam-se mutuamente de forma notável. A menos que um curso de estudo como este seja empreendido, muitos críticos poderão pensar que várias declarações e inferências neste volume são absurdas ou considerá-las obscuras demais para serem compreendidas.

O outro ponto é o seguinte: ouve-se frequentemente referir-se ao método psicanalítico como se fosse costume daqueles que o praticam explorar as experiências sexuais dos seus pacientes e nada mais, e a insistência nos detalhes da vida sexual, apresentada neste livro, provavelmente enfatizará essa noção. Mas o fato é que, como todo investigador atento sabe, todo o progresso da civilização, seja no indivíduo ou na raça, consiste em grande

parte numa “sublimação” dos instintos infantis, e especialmente de certas porções da pulsão sexual, para outros fins além daqueles para os quais pareciam destinados a servir. A arte e a poesia alimentam-se deste combustível e a evolução do caráter e da força mental tem em grande parte a mesma origem. Todas as formas que esta sublimação, ou as tentativas frustradas de sublimação, podem assumir em qualquer caso, devem surgir no curso de uma psicanálise completa. Não é apenas a vida sexual, mas todos os interesses e todos os motivos que devem ser investigados pelo médico que procura obter todos os dados sobre o paciente, necessários à sua reeducação e à sua cura. Mas todos os pensamentos, emoções, desejos e motivos que aparecem no homem ou na mulher na idade adulta foram outrora grosseiramente representados nos instintos obscuros da criança, e entre esses instintos, aqueles que se relacionavam direta ou indiretamente com as emoções sexuais, num sentido amplo, certamente serão considerados, em todos os casos, os mais importantes para o resultado final.

JAMES J. PUTNAM.

BOSTON, 23 de agosto de 1910.

[1] Traduzido por A.A. Brill, SÉRIE DE MONÓGRAFAS DE DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS, NO. 4.

[2] Traduzido por A.A. Brill, The Macmillan Co., Nova York, e Allen & Unwin, Londres.

[3] Traduzido por A.A. Brill, The Macmillan Co., Nova York.

[4] Traduzido por A.A. Brill, Moffatt, Yard & Co., Nova York.

[4a] Traduzido por A.A. Brill, Moffatt, Yard & Co., Nova York.

## **02. Prefácio do autor à segunda edição**

Prefácio de Freud à segunda edição, Viena, dezembro de 1909

Embora o autor tenha plena consciência das lacunas e obscuridades contidas neste pequeno volume, resistiu, no entanto, à tentação de lhe acrescentar os resultados obtidos nas investigações dos últimos cinco anos, temendo que assim se destruísse o seu caráter unificado e documental. Conseqüentemente, ele reproduz o texto original com apenas pequenas modificações, contentando-se com a adição de algumas notas de rodapé. De resto, deseja ardentemente que este livro se torne rapidamente antiquado - com o fim de que o novo material nele apresentado possa ser universalmente aceite, enquanto as deficiências que apresenta possam dar lugar a opiniões mais justas.

VIENA, dezembro de 1909.

### **03. Prefácio do autor à terceira edição**

Prefácio de Freud à terceira edição, Viena, outubro de 1914

Depois de observar durante dez anos a recepção dada a este livro e o efeito que ele produziu, desejo fornecer à terceira edição algumas observações preliminares que tratam dos mal-entendidos do livro e das exigências, insuscetíveis de cumprimento, feitas contra ele. Deixe-me enfatizar, em primeiro lugar, que tudo o que é apresentado aqui deriva inteiramente da experiência médica cotidiana, que deverá se tornar mais profunda e cientificamente importante através dos resultados da investigação psicanalítica. As "Três Contribuições para a Teoria do Sexo" nada podem conter, exceto o que a psicanálise as obriga a aceitar ou o que ela consegue corroborar. Está, portanto, excluído que algum dia sejam desenvolvidos numa "teoria do sexo", e também é bastante inteligível que não assumam qualquer atitude em relação a alguns problemas importantes da vida sexual. Isto não deve, contudo, dar a impressão de que esses capítulos omitidos do grande tema não fossem familiares ao autor, ou que foram negligenciados por ele como algo de importância secundária.

A dependência desta obra das experiências psicanalíticas que determinaram a sua escrita manifesta-se não apenas na seleção, mas também na disposição do material. Observou-se uma certa sucessão de etapas, os fatores ocasionais ganham destaque, os constitucionais ficam em segundo plano e o desenvolvimento ontogenético recebe maior consideração do que o filogenético. Pois os fatores ocasionais desempenham o papel principal na análise e são quase completamente trabalhados nela, enquanto os fatores constitucionais só se tornam

evidentes por trás, como elementos que se tornaram funcionais através da experiência, e uma discussão destes levaria muito além da esfera de trabalho da psicanálise.

Uma conexão semelhante determina a relação entre ontogênese e filogênese. A ontogênese pode ser considerada uma repetição da filogênese, na medida em que esta não tenha sido alterada por uma experiência mais recente. A disposição filogenética torna-se visível por trás do processo ontogenético. Mas fundamentalmente a constituição é realmente o precipitado de uma experiência anterior da espécie à qual a experiência mais recente do ser individual é adicionada como a soma dos fatores ocasionais.

Além de sua total dependência da investigação psicanalítica, devo enfatizar, como característica deste meu trabalho, sua independência intencional da investigação biológica. Evitei cuidadosamente a inclusão dos resultados da investigação científica na biologia sexual geral ou de espécies particulares de animais neste estudo das funções sexuais humanas que é possível graças à técnica da psicanálise. Meu objetivo era, de fato, descobrir até que ponto da biologia da vida sexual do homem pode ser descoberto por meio da investigação psicológica; Pude apontar acréscimos e acordos que resultaram desse exame, mas não precisei ficar confuso se os métodos psicanalíticos levassem, em alguns pontos, a pontos de vista e resultados que se desviavam consideravelmente daqueles meramente baseados na biologia.

Acrescentei muitas passagens nesta edição, mas absteve-me de chamar a atenção para elas, como nas edições anteriores, com marcas especiais. O

progresso do trabalho científico em nossa esfera tem sido atualmente retardado; no entanto, alguns suplementos a este trabalho foram indispensáveis para que ele permanecesse em contato com nossa literatura psicanalítica mais recente.

VIENA, outubro de 1914.

## 04. I. As aberrações sexuais

Primeiro ensaio: objeto sexual, alvo sexual e variações da pulsão

A realidade da necessidade sexual no homem e no animal é expressa na biologia pela suposição de uma "pulsão sexual". Essa pulsão é análoga ao impulso de se alimentar e à fome. Não sendo encontrada coloquialmente a expressão sexual correspondente à fome, a ciência utiliza a expressão "libido".

A concepção popular faz suposições definidas sobre a natureza e as qualidades deste pulsão sexual. Supõe-se que esteja ausente durante a infância e comece na época e em conexão com o processo de amadurecimento da puberdade; supõe-se que ela se manifesta em atrações irresistíveis exercidas por um sexo sobre o outro, e que seu objetivo é a união sexual ou, pelo menos, ações que levem à união.

Mas temos todos os motivos para ver nestas suposições uma imagem da realidade muito pouco confiável. Num exame mais atento, verifica-se que estão repletos de erros, imprecisões e conclusões precipitadas.

Se introduzirmos dois termos e chamarmos a pessoa de quem emana a atração sexual de objeto sexual, e a ação para a qual o impulso se dirige de alvo sexual, então a experiência cientificamente examinada nos mostra muitos desvios em referência tanto ao objeto sexual quanto ao alvo sexual, cujas relações com o padrão aceito requerem investigação completa.

### 1. DESVIO EM REFERÊNCIA AO objeto sexual

A teoria popular da pulsão sexual corresponde estreitamente à fábula poética de dividir a pessoa em duas metades - homem e mulher - que se

esforçam para se unirem através do amor. É, portanto, muito surpreendente ouvir que há homens para quem o objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e que há mulheres para quem o objeto sexual não é o homem, mas a mulher. Tais pessoas são chamadas de sexuais contrários, ou melhor, de invertidos; a condição, a da inversão. O número desses indivíduos é considerável, embora difícil de ser determinado com precisão.[3]

#### A. Inversion

\*O Comportamento dos Invertidos.\*--As pessoas mencionadas acima se comportam de muitas maneiras bem diferentes.

(a) Eles estão absolutamente invertidos; isto é, seu objeto sexual deve ser sempre do mesmo sexo, enquanto o sexo oposto nunca pode ser para eles um objeto de desejo sexual, mas os deixa indiferentes ou pode até evocar repugnância sexual. Como homens, são incapazes, devido a esta repugnância, de realizar o ato sexual normal ou perdem todo o prazer no seu desempenho.

(b) Eles são anfigenamente invertidos (psicossexualmente hermafroditas); isto é, seu objeto sexual pode pertencer indiferentemente ao mesmo sexo ou ao outro sexo. A inversão carece do caráter de exclusividade.

(c) Eles são ocasionalmente invertidos; isto é, sob certas condições externas, entre as quais as principais são a inacessibilidade do objeto sexual normal e a iniciação, eles são capazes de tomar como objeto sexual uma pessoa do mesmo sexo e, assim, encontrar gratificação sexual.

Os invertidos também manifestam um comportamento diversificado em seu julgamento sobre as peculiaridades de seu pulsão sexual. Alguns consideram a inversão algo natural, assim como a pessoa normal faz em relação à sua libido, exigindo firmemente os mesmos direitos que o normal. Outros, porém, lutam contra o fato de sua inversão e percebem nela uma compulsão mórbida.[4]

Outras variações dizem respeito às relações de tempo. As características da inversão em qualquer indivíduo podem remontar até onde vai a sua memória, ou podem tornar-se manifestas para ele num período definido antes ou depois da puberdade.[5] O caráter é mantido ao longo da vida, ou ocasionalmente retrocede ou representa um episódio no caminho para o desenvolvimento normal. Também foi observada uma flutuação periódica entre o objeto sexual normal e o invertido. De especial interesse são aqueles casos em que a libido se altera, assumindo caráter de inversão após uma experiência dolorosa com o objeto sexual normal.

Estas diferentes categorias de variação geralmente existem independentemente umas das outras. Nos casos mais extremos, pode-se regularmente presumir que a inversão sempre existiu e que a pessoa se sente satisfeita com seu estado peculiar.

Muitos autores hesitarão em reunir numa unidade todos os casos aqui enumerados e preferirão enfatizar as diferenças em vez das características comuns destes grupos, uma visão que corresponde ao seu julgamento preferido de inversões. Mas quaisquer que sejam as divisões que se estabeleçam, não se pode ignorar que todas as transições são abundantemente satisfeitas, de modo que a formação de uma série parece

impor-se.

\*Concepção de Inversão.\* - A primeira atenção dispensada à inversão deu origem à concepção de que se tratava de um sinal congênito de degeneração nervosa. Isto harmonizava-se com o fato de que os médicos o encontraram pela primeira vez entre os nervosos, ou entre pessoas que davam tal impressão. Há dois elementos que devem ser considerados independentemente nesta concepção: a congenitabilidade e a degeneração.

\*Degeneração.\* - Este termo degeneração está aberto às objeções que podem ser levantadas contra o uso promíscuo desta palavra em geral. De fato, tornou-se habitual designar como degenerativas todas as manifestações mórbidas que não sejam de origem traumática ou infecciosa. Na verdade, a classificação dos degenerados de Magnan torna possível que a configuração geral mais elevada da realização nervosa não exclua necessariamente a aplicação do conceito de degeneração. Nestas circunstâncias, questiona-se qual a utilidade e que novo conteúdo ainda possui o juízo de “degeneração”. Pareceria mais apropriado não falar de degeneração: (1) Onde não há muitos desvios acentuados do normal; (2) onde a capacidade de trabalhar e de viver não parece, em geral, marcadamente prejudicada.[6]

Que os invertidos não são degenerados neste sentido qualificado pode ser visto pelos seguintes fatos:

1. A inversão é encontrada entre pessoas que, de outra forma, não apresentam nenhum desvio acentuado do normal.

2. Encontra-se também entre pessoas cujas capacidades não são perturbadas, que, pelo contrário, se distinguem por um desenvolvimento intelectual e uma cultura ética especialmente elevados.[7]

3. Se alguém desconsiderar os pacientes de sua própria prática e se esforçar para compreender um campo mais amplo de experiência, encontrará fatos em duas direções que o impedirão de assumir as inversões como um sinal degenerativo.

(a) Deve-se considerar que a inversão era uma manifestação frequente entre as nações antigas no auge de sua cultura. Era uma instituição dotada de funções importantes. (b) É incomumente prevalente entre selvagens e raças primitivas, enquanto o termo degeneração é geralmente limitado à civilização superior (I. Bloch). Mesmo entre as nações mais civilizadas da Europa, o clima e a raça têm uma influência muito poderosa na distribuição e na atitude em relação à inversão.[8]

\*Inato.\* - Somente para a primeira e mais extrema classe de invertidos, como pode ser imaginado, o inato foi reivindicado, e isso a partir de sua própria certeza de que em nenhum momento de sua vida seu pulsão sexual seguiu um curso diferente. O fato da existência de duas outras classes, especialmente da terceira, é difícil de conciliar com a suposição de que seja congênita. Assim, a propensão daqueles que defendem esta visão de separar o grupo de invertidos absolutos dos outros resulta no abandono da concepção geral de inversão. Assim, em vários casos a inversão seria de caráter congênito, enquanto em outros poderia ter origem em outras causas.

Em contraste com esta concepção está aquela que assume a inversão como um caráter adquirido da pulsão sexual. Baseia-se nos seguintes fatos. (1) Em muitos invertidos (mesmo nos absolutos) pode ser demonstrada uma impressão sexual afetiva precoce, como resultado do desenvolvimento da inclinação homossexual. (2) Em muitos outros podem ser demonstradas influências externas de natureza promotora e inibidora, que na vida anterior ou posterior levaram à fixação da inversão - entre as quais estão as relações exclusivas com o mesmo sexo, o companheirismo na guerra, a detenção na prisão, os perigos das relações heterossexuais, o celibato, a fraqueza sexual, etc.

Diante de tudo isso, a existência de inversão congênita certamente pode ser questionada. Pode-se objetar que um exame mais acurado daqueles que se afirma serem congenitamente invertidos provavelmente mostrará que a direção da libido foi determinada por uma experiência definida da primeira infância, que não foi retida na memória consciente da pessoa, mas que pode ser trazida de volta à memória por influências adequadas (Havelock Ellis). Segundo esse autor, a inversão só pode ser designada como uma variação frequente da pulsão sexual que pode ser determinada por uma série de circunstâncias externas da vida.

A aparente certeza assim alcançada é, no entanto, derrubada pela réplica de que manifestamente há muitas pessoas que experimentaram, mesmo na primeira infância, essas mesmas influências sexuais, como a sedução, o onanismo mútuo, sem se tornarem invertidas, ou sem permanecerem assim constantemente. Assim, somos forçados a assumir que as alternativas congênicas e adquiridas são incompletas ou não cobrem as circunstâncias presentes nas inversões.

\*Explicação da Inversão.\* - A natureza da inversão não é explicada nem pela suposição de que seja congênita nem de que seja adquirida. No primeiro caso, precisamos que nos digam o que há de congênito, a menos que estejamos satisfeitos com a explicação mais grosseira, nomeadamente, que uma pessoa traz consigo um pulsão sexual congênito ligado a um objeto sexual definido. No segundo caso, questiona-se se as múltiplas influências acidentais são suficientes para explicar a aquisição, a menos que haja algo no indivíduo que as enfrente no meio do caminho. A negação deste último fator é inadmissível de acordo com as nossas conclusões anteriores.

\*A Relação da Bissexualidade.\*--Desde a época de Frank Lydston, Kiernan e Chevalier, uma nova série de ideias foi introduzida para a explicação da possibilidade de inversão sexual. Isto contém uma nova contradição com a crença popular que assume que um ser humano é um homem ou uma mulher. A ciência mostra casos em que as características sexuais aparecem confusas e, portanto, a distinção sexual é dificultada, especialmente do ponto de vista anatômico. Os órgãos genitais dessas pessoas unem as características masculinas e femininas (hermafroditismo). Em casos raros, ambas as partes do aparelho sexual estão bem desenvolvidas (verdadeiro hermafroditismo), mas geralmente ambas estão atrofiadas.[9]

A importância dessas anormalidades reside no fato de facilitarem inesperadamente a compreensão da formação normal. Um certo grau de hermafroditismo anatômico realmente pertence ao normal. Em nenhum homem ou mulher normalmente formado faltam vestígios do aparelho do outro sexo; estes ou continuam sem função como órgãos rudimentares, ou são transformados com o propósito de assumir outras funções.

A concepção que deduzimos deste fato anatómico há muito conhecido é a predisposição original para a bissexualidade, que no decurso do desenvolvimento mudou para monossexualidade, deixando ligeiros vestígios do sexo atrofiado.

Foi natural transferir esta concepção para a esfera psíquica e conceber a inversão nas suas aberrações como expressão do hermafroditismo psíquico. Para levar a questão a uma decisão, bastava uma outra circunstância, a saber, uma concordância regular da inversão com os sinais psíquicos e somáticos do hermafroditismo.

Mas esta segunda expectativa não se concretizou. As relações entre a androginia psíquica assumida e a anatómica demonstrável nunca deveriam ser concebidas como sendo tão próximas. É frequentemente encontrada no invertido uma diminuição da pulsão sexual (H. Ellis) e um leve nanismo anatómico dos órgãos. Isto, no entanto, é encontrado com frequência, mas de forma alguma regular ou preponderantemente. Assim, devemos reconhecer que a inversão e o hermafroditismo somático são totalmente independentes um do outro.

Grande importância também foi atribuída aos chamados caracteres sexuais secundários e terciários e sua ocorrência agregada no invertido foi enfatizada (H. Ellis). Há muita verdade nisso, mas não se deve esquecer que as características sexuais secundárias e terciárias manifestam-se muito frequentemente no outro sexo, indicando assim androginia sem, no entanto, envolver mudanças no objeto sexual no sentido de uma inversão.

O hermafroditismo psíquico ganharia em substancialidade se, paralelamente à inversão do objeto sexual, ocorresse pelo menos uma

mudança nas outras qualidades psíquicas, como nos impulsos e nos traços distintivos característicos do outro sexo. Mas tal inversão de caráter só pode ser esperada com alguma regularidade em mulheres invertidas; nos homens, a masculinidade psíquica mais perfeita pode estar unida à inversão. Se aderirmos firmemente à hipótese de um hermafroditismo psíquico, deveremos acrescentar que em certas esferas as suas manifestações permitem reconhecer apenas uma muito ligeira determinação contrária. O mesmo também vale para a androginia somática. De acordo com Halban, o aparecimento de órgãos individuais atrofiados e de caracteres sexuais secundários são bastante independentes um do outro.

Um porta-voz dos invertidos masculinos declarou a teoria bissexual em sua forma mais crua, com as seguintes palavras: “É um cérebro feminino num corpo masculino”. Mas não conhecemos as características de um “cérebro feminino”. A substituição do psicológico pelo anatômico é tão frívola quanto injustificada. A explicação provisória do v. Krafft-Ebing parece ser formulada com mais precisão do que a de Ulrich, mas não difere essencialmente dela. v. Krafft-Ebing pensa que a predisposição bissexual dá aos centros cerebrais masculinos e femininos individuais, bem como aos órgãos sexuais somáticos. Esses centros desenvolvem-se primeiro na puberdade, principalmente sob a influência das glândulas sexuais independentes. Podemos, contudo, dizer o mesmo dos “centros” masculino e feminino e dos cérebros masculino e feminino; e, além disso, nem sequer sabemos se podemos assumir para as funções sexuais localizações cerebrais separadas (“centros”), como podemos assumir para a linguagem.

Após esta discussão, duas noções, em todo caso, persistem; primeiro, que também se deve presumir uma predisposição bissexual para a inversão, só que não sabemos em que consiste além das formações anatômicas; e, em segundo lugar, que estamos lidando com distúrbios que são experimentados pela pulsão sexual durante o seu desenvolvimento.[11]

\*O objeto sexual dos Invertidos.\* - A teoria do hermafroditismo psíquico pressupunha que o objeto sexual dos invertidos é o reverso do normal. O homem invertido, assim como a mulher, sucumbe aos encantos que emanam das qualidades viris do corpo e da mente; ele se sente mulher e procura um homem.

Mas, por mais verdadeiro que isto possa ser para um grande número de invertidos, não indica de forma alguma o caráter geral da inversão. Não há dúvida de que grande parte dos homens invertidos reteve o caráter psíquico da virilidade, que proporcionalmente mostram apenas pouco dos caracteres secundários do outro sexo e que realmente procuram características psíquicas femininas reais em seu objeto sexual. Se assim não fosse, seria incompreensível por que a prostituição masculina, ao oferecer-se aos invertidos, copia em todo o seu exterior, hoje como na antiguidade, o vestuário e as atitudes da mulher. Caso contrário, esta imitação seria um insulto ao ideal dos invertidos. Entre os gregos, onde os homens mais viris eram encontrados entre os invertidos, é bastante óbvio que não foi o caráter masculino do menino que despertou o amor do homem, mas foi a sua semelhança física com a mulher, bem como as suas qualidades psíquicas femininas, como a timidez, a modéstia e a necessidade de instrução e ajuda. Assim que o próprio menino se tornou homem, ele deixou de ser um objeto sexual para os homens e, por sua vez,

tornou-se um amante dos meninos. O objeto sexual neste caso, como em muitos outros, não é, portanto, do mesmo sexo, mas une ambos os caracteres sexuais, um compromisso entre os impulsos que lutam pelo homem e pela mulher, mas firmemente condicionado pela masculinidade do corpo (os genitais).[12]

As condições da mulher são mais definidas; aqui os invertidos ativos, com especial frequência, mostram os caracteres somáticos e psíquicos do homem e desejam a feminilidade em seu objeto sexual; embora mesmo aqui uma variação maior seja encontrada em uma investigação mais íntima.

*\*O alvo sexual dos invertidos.\** - O fato importante a ter em mente é que nenhuma uniformidade do alvo sexual pode ser atribuída à inversão. A relação sexual anual em homens não acompanha de forma alguma a inversão; a masturbação é frequentemente o objetivo exclusivo; e a limitação do alvo sexual à mera efusão de sentimentos é aqui ainda mais frequente do que no amor heterossexual. Também nas mulheres os alvos sexuais do invertido são múltiplos, entre os quais o contato com a mucosa da boca parece ser o preferido.

*\*Conclusão.\** - Embora com base no material disponível não estejamos de forma alguma em posição de explicar satisfatoriamente a origem da inversão, podemos dizer que através desta investigação obtivemos um insight que pode se tornar de maior significado para nós do que a solução do problema acima. Chama-nos a atenção o fato de termos assumido uma ligação demasiado estreita entre a pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência adquirida com os chamados casos anormais ensina-nos que existe uma conexão entre a pulsão sexual e o objeto sexual que corremos o

risco de ignorar na uniformidade dos estados normais onde o impulso parece trazer consigo o objeto. Somos assim instruídos a separar esta conexão entre o impulso e o objeto. A pulsão sexual é provavelmente inteiramente independente do seu objeto e não é originado pelos estímulos provenientes do objeto.

#### B. Os sexualmente imaturos e os animais como objetos sexuais

Enquanto aqueles invertidos sexuais, cujo objeto sexual não pertence ao sexo normalmente adaptado, aparecem ao observador como um número coletivo de indivíduos talvez normais, as pessoas que escolhem como objeto sexual os sexualmente imaturos (crianças) são aparentemente desde as primeiras aberrações esporádicas. Só excepcionalmente as crianças são objetos sexuais exclusivos. Eles são geralmente atraídos para esse papel por um indivíduo tímido e impotente que faz uso de tais substitutos, ou quando um desejo impulsivo e urgente não consegue, naquele momento, assegurar o objeto adequado. Ainda assim, lança alguma luz sobre a natureza da pulsão sexual, o fato de ela sofrer tão grande variação e depreciação de seu objeto, algo que a fome, aderindo mais energicamente ao seu objeto, permitiria apenas nos casos mais extremos. O mesmo pode ser dito das relações sexuais com animais - algo que não é raro entre os agricultores - onde a atração sexual ultrapassa os limites da espécie.

Por razões estéticas, seria de bom grado atribuir esta e outras aberrações excessivas da pulsão sexual aos loucos, mas isso não pode ser feito. A experiência ensina que entre estes últimos não se podem encontrar perturbações da pulsão sexual além daquelas observadas entre os sãos ou entre raças e classes inteiras. Assim, encontramos com uma frequência

horrível o abuso sexual de crianças por parte de professores e funcionários, apenas porque eles têm as melhores oportunidades para isso. Os loucos apresentam a referida aberração apenas de uma forma um tanto intensificada; ou o que tem especial significado é o fato de a aberração se tornar exclusiva e tomar o lugar da gratificação sexual normal.

Esta notável relação de variações sexuais que vão do normal ao insano fornece material para reflexão. Parece-me que o fato a ser explicado mostraria que os impulsos da vida sexual pertencem àqueles que, mesmo normalmente, são mais mal controlados pelas atividades psíquicas superiores. Aquele que é de alguma forma psicologicamente anormal, seja em condições sociais ou éticas, o é, de acordo com minha experiência, regularmente em sua vida sexual. Mas muitos são anormais na sua vida sexual e, em todos os outros aspectos, correspondem à média; acompanharam o desenvolvimento cultural humano, mas a sexualidade permaneceu como seu ponto fraco.

Como resultado geral destas discussões, verificamos que, sob numerosas condições e entre um número surpreendente de indivíduos, a natureza e o valor do objeto sexual ficam em segundo plano. Há algo mais na pulsão sexual que é essencial e constante.[13]

## 2. DESVIO EM REFERÊNCIA AO alvo sexual

A união dos genitais no ato característico da cópula é considerada o alvo sexual normal. Serve para aliviar a tensão sexual e saciar temporariamente o desejo sexual (gratificação análoga à satisfação da fome). Contudo, mesmo no processo sexual mais normal, esses acréscimos são distinguíveis, cujo desenvolvimento leva às aberrações descritas como

perversões. Assim, certas relações intermediárias com o objeto sexual ligadas à cópula, como tocar e olhar, são reconhecidas como preliminares ao alvo sexual. Estas atividades estão, por um lado, ligadas ao prazer e, por outro lado, aumentam a excitação que persiste até que o alvo sexual definido seja alcançado. Um tipo definido de contiguidade, que consiste na aproximação mútua das membranas mucosas dos lábios na forma de um beijo, recebeu entre as nações mais civilizadas um valor sexual, embora as partes do corpo envolvidas não pertençam ao aparelho sexual, mas formem a entrada do trato digestivo. Isto fornece, portanto, os fatores que nos permitem relacionar as perversões com a vida sexual normal e que estão disponíveis também para a sua classificação. As perversões são (a) transgressões anatômicas das regiões corporais destinadas à união sexual, ou (b) uma permanência nas relações intermediárias com o objeto sexual que normalmente deveria ser rapidamente passada no caminho para o alvo sexual definido.

#### (a) Transgressão Anatômica

\*Superestimação do objeto sexual.\* - A estimativa psíquica na qual o objeto sexual como objetivo da pulsão sexual compartilha é apenas nos casos mais raros limitada aos genitais; geralmente abrange todo o corpo e tende a incluir todas as sensações que emanam do objeto sexual. A mesma superestimação se espalha pela esfera psíquica e se manifesta como um cegamento lógico (diminuição do julgamento) diante das realizações e perfeições psíquicas do objeto sexual, bem como uma obediência cega aos julgamentos emanados deste último. A fé plena do amor torna-se assim uma fonte importante, senão primordial, de autoridade.[14]

É esta supervalorização sexual, que tão mal concorda com a restrição do alvo sexual apenas à união dos genitais, que ajuda outras partes do corpo a participarem como alvos sexuais.[15] No desenvolvimento desta superestimação anatômica mais multifacetada há um desejo inconfundível de variação, algo denominado por Hoche como "fome de excitação" (fome de Reiz).[16]

*\*Utilização Sexual da Membrana Mucosa dos Lábios e da Boca.\** - A importância do fator de superestimação sexual pode ser melhor estudada no homem, em quem somente a vida sexual é acessível à investigação, enquanto na mulher ela está velada em escuridão impenetrável, em parte devido ao atrofiamento cultural e em parte devido à reticência e desonestidade convencionais das mulheres.

O emprego da boca como órgão sexual é considerado uma perversão se os lábios (língua) de um entram em contato com os órgãos genitais do outro, mas não quando a membrana mucosa dos lábios de ambos se toca. Nesta última exceção encontramos a ligação com o normal. Aquele que abomina as primeiras como perversões, embora estas desde a antiguidade tenham sido práticas comuns entre a humanidade, cede a um sentimento distinto de aversão que o protege de adotar tais alvos sexuais. O limite dessa aversão é frequentemente puramente convencional; aquele que beija fervorosamente os lábios de uma moça bonita talvez só consiga usar a escova de dente dela com um sentimento de aversão, embora não haja razão para supor que sua própria cavidade oral, pela qual ele não sente aversão, seja mais limpa do que a da moça. Nossa atenção é aqui chamada para o fator de aversão que impede a superestimação libidinal do alvo sexual, mas que pode, por sua vez, ser vencido pela libido. Na aversão

podemos observar uma das forças que provocaram as restrições do alvo sexual. Via de regra, essas forças param nos órgãos genitais; não há, contudo, dúvida de que mesmo os próprios órgãos genitais do outro sexo podem ser objeto de aversão. Esse comportamento é característico de todos os histéricos, especialmente das mulheres. A força da pulsão sexual prefere ocupar-se da superação dessa aversão (veja abaixo).

*\*Utilização Sexual da Abertura Anal.\** - É ainda mais óbvio do que no primeiro caso que é a aversão que caracteriza como perversão o uso do ânus como alvo sexual. Mas não deve ser interpretado como uma defesa de uma causa quando observo que a base desta aversão - nomeadamente, que esta parte do corpo serve para a excreção e entra em contacto com os excrementos repugnantes - não é mais plausível do que a base que as raparigas histéricas têm para a aversão que sentem pelo órgão genital masculino porque serve para urinar.

O papel sexual da membrana mucosa do ânus não se limita de forma alguma às relações sexuais entre homens; sua preferência nada tem de característico do sentimento invertido. Pelo contrário, parece que a pedicatio do homem deve o seu papel à analogia com o ato da mulher, enquanto entre os invertidos a masturbação mútua é o alvo sexual mais comum.

*\*O Significado de Outras Partes do Corpo.\** - A infração sexual em outras partes do corpo, em todas as suas variações, não oferece nada de novo; não acrescenta nada ao nosso conhecimento da pulsão sexual, que aqui apenas anuncia a sua intenção de dominar o objeto sexual de todas as maneiras. Além da supervalorização sexual, um segundo fator geralmente

desconhecido pode ser mencionado entre as transgressões anatômicas. Certas partes do corpo, como a membrana mucosa da boca e do ânus, que aparecem repetidamente em tais práticas, reivindicam ser consideradas e tratadas como órgãos genitais. Ouviremos como esta afirmação é justificada pelo desenvolvimento da pulsão sexual e como é satisfeita na sintomatologia de certas condições mórbidas.

\*Substitutos impróprios para o objeto sexual. Fetichismo.\* - Ficamos especialmente impressionados com aqueles casos em que o objeto sexual normal é substituído por outro que está relacionado a ele, mas que é totalmente inadequado para o alvo sexual normal. De acordo com o esquema da introdução, teríamos feito melhor em mencionar este grupo muito interessante de aberrações da pulsão sexual entre os desvios em referência ao objeto sexual, mas adiamos a menção destes até que nos familiarizássemos com o fator de superestimação sexual, do qual dependem essas manifestações, relacionadas com o abandono do alvo sexual.

O substituto do objeto sexual é geralmente uma parte do corpo mas pouco adaptada aos fins sexuais, como o pé, ou o cabelo, ou um objeto inanimado que esteja em relação demonstrável com a pessoa sexual, e de preferência com a sexualidade da mesma (fragmentos de roupa, roupa interior branca). Esta substituição não é injustamente comparada com o fetiche em que o selvagem vê a corporificação do seu deus.

A transição para os casos de fetichismo, com renúncia a um alvo sexual normal ou pervertido, é formada por casos em que uma determinação fetichista é exigida no objeto sexual para que o alvo sexual seja alcançado

(cor definida de cabelo, roupas, até manchas físicas). Nenhuma outra variação da pulsão sexual beirando o patológico desperta tanto nosso interesse quanto esta, devido à peculiaridade ocasionada por suas manifestações. Uma certa diminuição na busca pelo alvo sexual normal pode ser pressuposta em todos estes casos (fraqueza executiva do aparelho sexual).[17] A conexão com o normal é ocasionada pela superestimação psicologicamente necessária do objeto sexual, que inevitavelmente invade tudo o que está associativamente relacionado a ele (objeto sexual). Um certo grau de tal fetichismo, portanto, pertence regularmente ao normal, especialmente durante os estágios do cortejo, quando o alvo sexual normal parece inacessível ou a sua realização adiada.

"Traga-me um lenço do peito dela - uma liga do meu amor." --FAUSTO.

O caso só se torna patológico quando a luta pelo fetiche se fixa além de tais determinações e toma o lugar do alvo sexual normal; ou ainda, quando o fetiche se desvincula da pessoa em questão e se torna um objeto sexual. Estas são as determinações gerais para a transição de meras variações da pulsão sexual em aberrações patológicas.

A influência persistente de uma impressão sexual recebida principalmente na primeira infância muitas vezes se mostra na seleção de um fetiche, como Binet afirmou pela primeira vez, e como mais tarde foi comprovado por muitas ilustrações, - algo que pode ser colocado paralelamente ao proverbial apego a um primeiro amor no normal ("On revient toujours à ses premiers amours"). Tal conexão é vista especialmente em casos com determinações apenas fetichistas do objeto sexual. O significado das primeiras impressões sexuais será encontrado novamente em outros

lugares.

Em outros casos, tratava-se principalmente de uma associação de pensamento simbólico, inconsciente do interessado, que levava à substituição do objeto por meio de um fetiche. Os caminhos dessas conexões nem sempre podem ser demonstrados de forma definitiva. O pé é um símbolo sexual muito primitivo já encontrado nos mitos.[18] A pele é usada como fetiche provavelmente por sua associação com a pilosidade do mons veneris. Tal simbolismo parece muitas vezes depender de experiências sexuais na infância.[19]

#### (b) Fixação de alvos sexuais Precursores

\*O Aparecimento de Novas Intenções.\* - Todas as determinações externas e internas que impedem ou mantêm à distância a realização do alvo sexual normal, tais como a impotência, o custo do objeto sexual e os perigos do ato sexual, irão concebivelmente fortalecer a inclinação de demorar-se nos atos preparatórios e transformá-los em novos alvos sexuais que podem tomar o lugar do normal. Numa investigação mais aprofundada, verifica-se sempre que as intenções ostensivamente mais peculiares destas novas intenções já foram indicadas no ato sexual normal.

\*Tocar e Olhar.\* - Pelo menos uma certa quantidade de toque é indispensável para uma pessoa atingir o alvo sexual normal. Também é de conhecimento geral que o toque da pele do objeto sexual causa muito prazer e produz uma nova excitação. Conseqüentemente, a demora no toque dificilmente pode ser considerada uma perversão se o ato sexual for prosseguido.

O mesmo se aplica, no final das contas, ao olhar, que é análogo ao tocar. A maneira pela qual a excitação libidinosa é freqüentemente despertada é pela impressão óptica, e a seleção leva em conta esta circunstância - se este modo teleológico de pensar for permitido - tornando o objeto sexual uma coisa bela. A cobertura do corpo, que acompanha a civilização, serve para despertar a curiosidade sexual, que sempre se esforça para restituir para si o objeto sexual, descobrindo as partes ocultas. Isso pode se transformar em artístico ("sublimação") se o interesse for desviado dos genitais para a forma do corpo.[20] A tendência de permanecer nesse alvo sexual intermediário da aparência sexualmente acentuada é encontrada, até certo ponto, na maioria dos normais; na verdade, dá-lhes a possibilidade de dirigir uma certa quantidade da sua libido para um objetivo artístico mais elevado. Por outro lado, o gosto por olhar torna-se uma perversão (a) quando se limita inteiramente aos genitais; (b) quando se relaciona com a superação da aversão (voyeurs e observadores das funções de excreção); e (c) quando, em vez de se preparar para o alvo sexual normal, ele o suprime. Esta última, se é que posso tirar conclusões de uma única análise, é de uma forma mais pronunciada verdadeira no caso dos exibicionistas, que expõem os seus órgãos genitais de modo a, por sua vez, trazer à vista os órgãos genitais dos outros.

Na perversão que consiste em esforçar-nos por olhar e ser olhado, somos confrontados com um caráter muito notável que nos ocupará ainda mais intensamente na aberração seguinte. O alvo sexual está aqui presente em dupla formação, numa forma ativa e numa forma passiva.

A força que se opõe à mania de espiar e através da qual ela é eventualmente abolida é a vergonha (como o antigo ódio).

\*Sadismo e Masoquismo.\* - O desejo de causar dor ao objeto sexual e seu oposto, a mais frequente e mais significativa de todas as perversões, foi designado em suas duas formas pelo v. Krafft-Ebing como sadismo ou forma ativa, e masoquismo ou forma passiva. Outros autores preferem o termo mais restrito algolagnia, que enfatiza o prazer na dor e na crueldade, enquanto os termos selecionados por v. Krafft-Ebing colocam em primeiro plano o prazer garantido em todos os tipos de humildade e submissão.

As raízes da algolagnia ativa, o sadismo, podem ser facilmente demonstráveis no normal. A sexualidade da maioria dos homens apresenta um toque de agressão, é uma propensão para subjugar, cujo significado biológico reside na necessidade de superar a resistência do objeto sexual por meio de outras ações que não o mero cortejo. O sadismo corresponderia então a um componente agressivo da pulsão sexual que se tornou independente e exagerado e foi trazido para o primeiro plano pelo deslocamento.

A concepção de sadismo flutua no uso da linguagem, desde uma mera atitude ativa ou impetuosa em relação ao objeto sexual até o apego exclusivo da gratificação à sujeição e aos maus-tratos do objeto. A rigor, apenas o último caso extremo pode reivindicar o nome de perversão.

Da mesma forma, a designação de masoquismo compreende toda atitude passiva em relação à vida sexual e ao objeto sexual; na sua forma mais extrema, a gratificação está ligada ao sofrimento de dor física ou mental nas mãos do objeto sexual. O masoquismo como perversão parece estar ainda mais distante da vida sexual normal, formando um contraste com ela;

pode-se duvidar se alguma vez aparece como uma forma primária ou se não se origina mais regularmente através da transformação do sadismo. Muitas vezes pode-se reconhecer que o masoquismo nada mais é do que uma continuação do sadismo voltado contra a própria pessoa, na qual esta toma inicialmente o lugar do objeto sexual. A análise de casos extremos de perversões masoquistas mostra que há uma cooperação de uma grande série de fatores que exageram e fixam a atitude sexual passiva original (complexo de castração, consciência).

A dor aqui superada se equipara ao ódio e à vergonha que eram as resistências opostas à libido.

O sadismo e o masoquismo ocupam um lugar especial entre as perversões, pois o contraste entre atividade e passividade que está em suas bases pertence aos traços comuns da vida sexual.

Que a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente ligados é, sem dúvida, ensinado pela história da civilização, mas na explicação desta ligação ninguém foi além da acentuação dos fatores agressivos da libido. A agressão que se mistura com a pulsão sexual é, segundo alguns autores, um resquício da luxúria canibal, uma participação por parte do aparelho de dominação (Bemächtigungsapparat), que serviu também para a gratificação das grandes necessidades do outro, ontogeneticamente o impulso mais antigo. Também foi afirmado que toda dor contém em si a possibilidade de uma sensação de prazer. Fiquemos satisfeitos com a impressão de que a explicação desta perversão não é de modo algum satisfatória e que é possível que muitos esforços psíquicos se unam num só efeito.

A peculiaridade mais marcante desta perversão reside no fato de que suas formas ativa e passiva são regularmente encontradas juntas na mesma pessoa. Aquele que experimenta prazer causando dor a outros nas relações sexuais também é capaz de experimentar a dor que emana das relações sexuais como prazer. Um sádico é simultaneamente masoquista, embora tanto o lado ativo como o lado passivo da perversão possam ser mais fortemente desenvolvidos e, portanto, representar a sua atividade sexual preponderante.[22]

Vemos assim que certas tendências pervertidas aparecem regularmente em pares contrastantes, algo que, em vista do material a ser produzido posteriormente, deve reivindicar grande valor teórico. Além disso, é claro que a existência do contraste, sadismo e masoquismo, não pode ser facilmente atribuída à mistura de agressão. Por outro lado, podemos ficar tentados a conectar esses contrastes existentes simultaneamente com o contraste unido entre masculino e feminino na bissexualidade, cujo significado é reduzido na psicanálise ao contraste de atividade e passividade.

### 3. DECLARAÇÕES GERAIS APLICÁVEIS A TODAS AS PERVERSÕES

*\*Variação e Doença.\** - Os médicos que inicialmente estudaram as perversões em casos pronunciados e sob condições peculiares estavam naturalmente inclinados a atribuir-lhes o caráter de um sinal mórbido ou degenerativo semelhante às inversões. Esta visão, no entanto, é mais fácil de refutar neste caso do que no primeiro caso. A experiência cotidiana tem mostrado que a maioria dessas transgressões, pelo menos as mais brandas, raramente faltam como componentes da vida sexual de pessoas normais

que as consideram como outras intimidades. Onde quer que as condições sejam favoráveis, tal perversão pode, durante muito tempo, ser substituída por uma pessoa normal em lugar do alvo sexual normal, ou pode ser colocada perto dela. Em nenhuma pessoa normal falta ao alvo sexual normal algum elemento perverso designável, e esta universalidade é suficiente por si só para provar a inadequação de uma aplicação infame do nome perversão. No domínio da vida sexual, certamente encontraremos dificuldades excepcionais que atualmente são realmente insolúveis, se quisermos traçar uma linha nítida entre as meras variações dentro dos limites fisiológicos e os sintomas mórbidos.

No entanto, a qualidade do novo alvo sexual em algumas destas perversões é tal que requer atenção especial. Algumas das perversões têm conteúdos tão distantes do normal que não podemos deixar de chamá-las de “mórbidas”, especialmente aquelas em que a pulsão sexual, ao superar as resistências (vergonha, ódio, medo e dor), trouxe resultados surpreendentes (lambar fezes e violação de cadáveres). No entanto, mesmo nestes casos, não se deve ter certeza de encontrar regularmente entre os perpetradores pessoas com anomalias pronunciadas ou mentes insanas. Não podemos perder de vista o fato de que as pessoas que, de outro modo, se comportam normalmente são registadas como doentes no domínio da vida sexual, onde são dominadas pelo mais desenfreado de todos os impulsos. Por outro lado, uma anormalidade manifesta em qualquer outra relação na vida geralmente mostra uma tendência subjacente de comportamento sexual anormal.

Na maioria dos casos, conseguimos encontrar o caráter mórbido da perversão não no conteúdo do novo alvo sexual, mas na sua relação com o

normal. É mórbido se a perversão não aparece ao lado do normal (alvo sexual e objeto sexual), onde as circunstâncias favoráveis a promovem e as desfavoráveis impedem o normal, ou se em todas as circunstâncias ela reprimiu e suplantou o normal; a exclusividade e a fixação da perversão justificam-nos considerá-la um sintoma mórbido.

\*A Participação Psíquica nas Perversões.\* - Talvez seja justamente nas perversões mais abomináveis que devemos reconhecer a mais prolífica participação psíquica para a transformação da pulsão sexual. Nestes casos foi realizado um trabalho psíquico no qual, apesar do seu terrível sucesso, o valor de uma idealização do impulso não pode ser contestado. A onipotência do amor talvez em nenhum lugar se mostre mais forte do que nesta de suas aberrações. O mais elevado e o mais baixo em toda a sexualidade estão intimamente ligados. ("Do céu, passando pelo mundo, até o inferno.")

\*Dois resultados.\* - No estudo das perversões, obtivemos uma compreensão do fato de que a pulsão sexual tem que lutar contra certas forças e resistências psíquicas, entre as quais a vergonha e a aversão são mais proeminentes. Podemos presumir que essas forças são empregadas para confinar o impulso dentro dos limites normais aceitos, e se elas se desenvolveram no indivíduo antes que a pulsão sexual tenha atingido sua força total, foram realmente elas que o dirigiram no curso do desenvolvimento.[23]

Além disso, observamos que algumas das perversões examinadas só podem ser compreendidas assumindo a união de muitos motivos. Se forem passíveis de análise - desintegração - devem ser de natureza composta.

Isto pode dar-nos uma indicação de que a pulsão sexual em si pode não ser algo simples, mas pode, pelo contrário, ser composto de muitos componentes que se destacam para formar perversões. Nossa observação clínica chama assim nossa atenção para fusões que perderam sua expressão no comportamento normal uniforme.

#### 4. A pulsão sexual NOS NEURÓTICOS

\*Psicanálise.\* - Uma contribuição adequada ao conhecimento da pulsão sexual em pessoas que estão pelo menos relacionadas ao normal só pode ser obtida de uma fonte e é acessível apenas por um caminho definido. Só há uma maneira de obter uma solução completa e infalível para os problemas da vida sexual dos chamados psiconeuróticos (histeria, obsessões, a neurastenia erroneamente chamada, e certamente também demência precoce e paranóia), e essa maneira é submetê-los às investigações psicanalíticas propostas por J. Breuer e por mim em 1893, que chamamos de tratamento "catártico".

Devo repetir o que disse no meu trabalho publicado, que estas psiconeuroses, até onde vai a minha experiência, baseiam-se em forças motrizes sexuais. Não quero dizer que a energia da pulsão sexual apenas contribui para as forças que sustentam as manifestações mórbidas (sintomas), mas desejo claramente sustentar que isto fornece a única fonte constante e mais importante de energia na neurose, de modo que a vida sexual de tais pessoas se manifesta exclusiva, preponderantemente ou parcialmente nestes sintomas. Como já afirmei em diversos lugares, os sintomas são as atividades sexuais do paciente. A prova desta afirmação obtive da psicanálise de histéricos e outros neuróticos durante um período

de vinte anos, cujos resultados espero apresentar mais tarde em um relato detalhado.

A psicanálise remove os sintomas da histeria na suposição de que eles são os substitutos - as transcrições, por assim dizer - de uma série de processos, desejos e desejos psíquicos emocionalmente acentuados, para os quais a passagem para sua descarga através das atividades psíquicas conscientes foi cortada por um processo especial (repressão). Essas formações de pensamento que são restringidas no estado do inconsciente lutam pela expressão, isto é, pela descarga, em conformidade com o seu valor afetivo, e o encontram na histeria através de um processo de conversão em fenômenos somáticos - os sintomas histéricos. Se, lege artis, e com a ajuda de uma técnica especial, puderem ser efetuadas transformações retrogressivas dos sintomas em pensamentos afetivos e conscientes, será então possível obter informações mais precisas sobre a natureza e a origem dessas formações psíquicas anteriormente inconscientes.

*\*Resultados da Psicanálise.\** - Desse modo descobriu-se que os sintomas representam o equivalente aos esforços que receberam sua força da fonte da pulsão sexual. Isto concorda plenamente com o que sabemos sobre o caráter dos histéricos, que tomamos como modelos para todos os psiconeuróticos, antes de adoecerem, e com o que sabemos sobre as causas da doença. O caráter histérico evidencia uma parte da repressão sexual que vai além dos limites normais, um exagero das resistências contra a pulsão sexual que conhecemos como vergonha e aversão. É uma fuga instintiva da ocupação intelectual com o problema sexual, cuja consequência, em casos pronunciados, é uma completa ignorância sexual,

que é preservada até que a idade da maturidade sexual seja atingida.[24]

Esta característica, tão característica da histeria, não raramente é ocultada pela observação grosseira da existência do segundo fator constitucional da histeria, a saber, o enorme desenvolvimento do desejo sexual. Mas a análise psicológica sempre o revelará e resolverá o enigma muito contraditório da histeria, provando a existência do par contrastante, um imenso desejo sexual e uma rejeição sexual muito exagerada.

A provocação da doença em pessoas com predisposição histérica ocorre se, em consequência da sua maturidade progressiva ou das condições externas de vida, elas são seriamente confrontadas com a verdadeira exigência sexual. Entre a pressão do desejo e a oposição da rejeição sexual resulta uma saída para a doença, que não elimina o conflito, mas procura evitá-lo, transformando os esforços libidinosos em sintomas. Só na aparência será uma exceção se uma pessoa histérica, digamos um homem, ficar sujeita a algum distúrbio emocional banal, a um conflito no centro do qual não há interesse sexual. A psicanálise mostrará regularmente que são os componentes sexuais do conflito que tornam a doença possível, ao retirar os processos psíquicos do ajustamento normal.

*\*Neurose e Perversão.\** - Grande parte da oposição à minha afirmação é explicada pelo fato de que a sexualidade da qual deduzo os sintomas psiconeuróticos é considerada coincidente com a pulsão sexual normal. Mas a psicanálise nos ensina melhor do que isso. Mostra que os sintomas não resultam de forma alguma à custa apenas do chamada pulsão sexual normal (pelo menos não exclusiva ou preponderantemente), mas representam a expressão convertida de impulsos que num sentido mais

amplo poderiam ser designados como perversos se pudessem manifestar-se diretamente em fantasias e atos sem se desviarem da consciência. Os sintomas são, portanto, parcialmente formados às custas de uma sexualidade anormal. A neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão.[25]

A pulsão sexual do psiconeurótico mostra todas as aberrações que estudamos como variações do normal e como manifestações da vida sexual mórbida.

(a) Em todos os neuróticos, sem exceção, encontramos sentimentos de inversão na vida psíquica inconsciente, fixação da libido em pessoas do mesmo sexo. É impossível, sem uma discussão profunda e profunda, avaliar adequadamente a importância desse fator para a formação do quadro da doença; Só posso afirmar que a propensão inconsciente à inversão nunca falta e é particularmente de grande utilidade para explicar a histeria masculina.[26]

(b) Todas as inclinações à transgressão anatômica podem ser demonstradas nos psiconeuróticos no inconsciente e como criadores de sintomas. De especial frequência e intensidade são aqueles que conferem à boca e à membrana mucosa do ânus o papel dos órgãos genitais.

(c) Os desejos parciais que geralmente aparecem em pares contrastantes desempenham um papel muito proeminente entre os criadores de sintomas nas psiconeuroses. Aprendemos a conhecê-los como portadores de novos alvos sexuais, como a mania de espiar, o exibicionismo e os impulsos de crueldade formados ativa e passivamente. A contribuição deste último é indispensável para a compreensão do caráter mórbido dos sintomas; quase

regularmente controla alguma parte do comportamento social do paciente. A transformação do amor em ódio, da ternura em hostilidade, característica de um grande número de casos neuróticos e aparentemente de todos os casos de paranóia, ocorre por meio da união da crueldade com a libido.

O interesse por essas deduções será ainda mais acentuado por certas peculiaridades do diagnóstico dos fatos.

Alfa. Não há nada nas correntes inconscientes de pensamento das neuroses que corresponda a uma inclinação para o fetichismo; uma circunstância que esclarece a peculiaridade psicológica desta perversão bem compreendida.

Beta. Onde quer que seja encontrado no inconsciente qualquer impulso desse tipo que possa ser associado a outro contrastante, pode-se regularmente demonstrar que este último também é eficaz. Toda perversão ativa é aqui acompanhada pela sua contraparte passiva. Quem no inconsciente é exibicionista é ao mesmo tempo um voyeur, quem sofre de sentimentos sádicos em decorrência da repressão também apresentará outro reforço dos sintomas provenientes da origem das tendências masoquistas. A concordância perfeita com o comportamento das perversões positivas correspondentes é certamente muito digna de nota. No quadro da doença, porém, o papel preponderante é desempenhado por uma ou outra das tendências opostas.

Gama. Num caso pronunciado de psiconeurose raramente encontramos o desenvolvimento de um único impulso pervertido; geralmente há muitos e regularmente há vestígios de todas as perversões. O impulso individual,

porém, devido à sua intensidade, é independente do desenvolvimento dos outros, mas o estudo das perversões positivas nos dá a contrapartida precisa dele.

## IMPULSOS PARCIAIS E ZONAS ERÓGENAS

Tendo em mente o que aprendemos com o exame das perversões positivas e negativas, torna-se bastante óbvio que elas podem ser referidas a uma série de "impulsos parciais", que não são, contudo, primários, mas estão sujeitos a uma análise mais aprofundada. Por "impulso" podemos compreender, em primeiro lugar, nada mais que o representante psíquico de uma fonte somática interna de excitação que flui continuamente, em contraste com o "estímulo" que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. O impulso é, portanto, um dos conceitos que marcam os limites entre o psíquico e o físico. A suposição mais simples e óbvia a respeito da natureza dos impulsos seria a de que eles não possuem nenhuma qualidade em si mesmos, mas apenas são levados em conta como medida da demanda de esforço na vida psíquica. O que distingue os impulsos uns dos outros e lhes confere atributos específicos é a sua relação com as suas fontes somáticas e com os seus objetivos. A fonte do impulso é um processo excitante num órgão, e o objetivo imediato do impulso reside na eliminação deste estímulo orgânico.

Outra suposição preliminar da teoria do impulso, à qual não podemos abandonar, afirma que os órgãos do corpo fornecem dois tipos de excitações que são determinadas por diferenças de natureza química. Designamos uma dessas formas de excitação como especificamente sexual e o órgão em questão como zona erógena, enquanto o elemento sexual que

dela emana é o impulso parcial.[27]

Nas perversões que reivindicam significado sexual para a cavidade oral e para a abertura anal, o papel desempenhado pela zona erógena é bastante óbvio. Comporta-se em todos os sentidos como parte do aparelho sexual. Na histeria, essas partes do corpo, bem como os tratos da membrana mucosa que delas procedem, tornam-se sede de novas sensações e mudanças inervantes, de maneira semelhante aos órgãos genitais reais, quando sob a excitação dos processos sexuais normais.

A importância das zonas erógenas nas psiconeuroses, como aparatos adicionais e substitutos dos genitais, parece ser mais proeminente na histeria, embora isso não signifique que seja de menor validade nas outras formas mórbidas. Não é tão reconhecível na neurose compulsiva e na paranóia porque aqui a formação dos sintomas ocorre em regiões do aparelho psíquico que ficam a uma grande distância dos locais centrais de controle corporal. O que há de mais notável na neurose compulsiva é a importância dos impulsos que criam novos alvos sexuais e aparecem independentemente das zonas erógenas. No entanto, o olho corresponde a uma zona erógena na mania de olhar e de exibição, enquanto a pele assume o mesmo papel nos componentes de dor e crueldade da pulsão sexual. A pele, que em partes especiais do corpo se diferencia como órgãos sensoriais e é modificada pela membrana mucosa, é a zona erógena, [grego: kat] ex ogen.[28]

EXPLICAÇÃO DA PREPONDERÂNCIA MANIFESTA DAS PERVERSÕES SEXUAIS NAS PSICOONEUROSES

A sexualidade dos psiconeuróticos talvez tenha sido colocada sob uma luz falsa pelas discussões acima. Parece que o comportamento sexual do psiconeurótico se aproxima da predisposição ao pervertido e se desvia tanto do normal. No entanto, é muito possível que a disposição constitucional destes pacientes, além de conter uma imensa quantidade de repressão sexual e uma força predominante de pulsão sexual, também possua uma tendência incomum para perversões no sentido mais amplo. Contudo, um exame de casos mais brandos mostra que a última suposição não é um requisito absoluto, ou pelo menos que, ao pronunciar-se sobre os efeitos mórbidos, deveríamos desconsiderar o efeito de um dos fatores. Na maioria dos psiconeuróticos, a doença aparece pela primeira vez após a puberdade, seguindo as exigências da vida sexual normal. Contra estes dirige-se sobretudo a repressão. Ou a doença surge mais tarde, devido ao fato de a libido ser incapaz de atingir a gratificação sexual normal. Em ambos os casos, a libido comporta-se como um riacho cujo leito principal está represado; preenche as estradas colaterais que até agora talvez estivessem vazias. Assim, a tendência manifestamente grande (embora certamente negativa) à perversão nos psiconeuróticos pode ser condicionada colateralmente; de qualquer forma, é certamente aumentado colateralmente. O fato é que a repressão sexual tem de ser acrescentada como um fator interno a fatores externos como a restrição da liberdade, a inacessibilidade ao objeto sexual normal, os perigos do acto sexual normal, etc., que causam a origem de perversões em indivíduos que de outra forma poderiam ter permanecido normais.

Em casos individuais de neurose o comportamento pode ser diferente; agora a força congênita da tendência à perversão pode ser mais decisiva e

em outras ocasiões pode ser exercida mais influência pelo aumento colateral da mesma através do desvio da libido do objetivo e objeto sexual normal. Seria injusto interpretar um contraste onde existe cooperação. Os maiores resultados serão sempre obtidos por uma neurose se a constituição e a experiência cooperarem na mesma direção. Uma constituição pronunciada talvez seja capaz de dispensar a ajuda das impressões diárias, enquanto uma perturbação profunda na vida talvez possa provocar uma neurose, mesmo numa constituição mediana. Essas opiniões são igualmente verdadeiras no que diz respeito ao significado etiológico das experiências congênitas e acidentais em outras esferas.

Se, no entanto, for dada preferência à suposição de que uma tendência especialmente formada para as perversões é característica da constituição psiconeurótica, há uma perspectiva de sermos capazes de distinguir uma multiformidade de tais constituições de acordo com a preponderância congênita desta ou daquela zona erógena, ou deste ou daquele impulso parcial. Se existe uma relação especial entre a predisposição para perversões e a seleção do quadro mórbido, não foi investigado, como muitas outras coisas neste domínio.

#### REFERÊNCIA AO INFANTILISMO DA SEXUALIDADE

Ao demonstrar os sentimentos pervertidos como formações sintomáticas nos psiconeuróticos, aumentamos enormemente o número de pessoas que podem ser acrescentadas aos pervertidos. Isto não ocorre apenas porque os neuróticos representam uma proporção muito grande da humanidade, mas devemos considerar também que as neuroses, em todas as suas gradações, prosseguem numa série ininterrupta até o estado normal.

Moebius estava bastante justificado ao dizer que estamos todos um tanto histéricos. Assim, a ampla disseminação das perversões levou-nos a assumir que a predisposição para as perversões não é uma peculiaridade rara, mas deve fazer parte da constituição normalmente aceite.

Ouvimos dizer que se trata de saber se as perversões devem ser referidas a determinações congênitas ou se têm origem em experiências acidentais, tal como Binet mostrou nos fetichismos. Agora somos forçados a concluir que há de fato algo congênito na base das perversões, mas é algo congênito em todas as pessoas, que como predisposição pode flutuar em intensidade e ser trazido à tona por influências da vida. Tratamos aqui de raízes congênitas na constituição da pulsão sexual que, numa série de casos, se transformam em verdadeiros portadores de atividade sexual (pervertidos); enquanto em outros casos sofrem uma supressão (repressão) insuficiente, de modo que, como sintomas mórbidos, são capazes de atrair para si, de maneira indireta, uma parte considerável da energia sexual; enquanto novamente em casos favoráveis entre os dois extremos eles originam a vida sexual normal através de restrições eficazes e outras elaborações.

Mas devemos também lembrar que a constituição presumida que mostra as raízes de todas as perversões só será demonstrável na criança, embora todos os impulsos só possam manifestar-se nela com intensidade moderada. Se formos levados a supor que os neuróticos conservam o estado infantil da sua sexualidade ou regressam a ele, o nosso interesse deve então voltar-se para a vida sexual da criança, e seguiremos então o jogo de influências que controlam os processos de desenvolvimento da sexualidade infantil até ao seu término numa perversão, numa neurose ou numa vida sexual normal.

[1] Os fatos contidos na primeira "Contribuição" foram coletados das publicações familiares de Krafft-Ebing, Moll, Moebius, Havelock Ellis, Schrenk-Notzing, Löwenfeld, Eulenberg, J. Bloch e M. Hirschfeld, e dos trabalhos posteriores publicados no "Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen". Como essas publicações também mencionam outras literaturas relacionadas a esse assunto, posso deixar de fornecer referências detalhadas.

As conclusões alcançadas através da investigação dos invertidos sexuais baseiam-se todas nos relatórios de J. Sadger e na minha própria experiência.

[2] Para uso geral, a palavra "libido" é melhor traduzida por "desejo". (Prof. James J. Putnam, *Journal of Abnormal Psychology*, Vol. IV, 6.)

[3] Para as dificuldades implicadas na tentativa de determinar o número proporcional de invertidos, compare o trabalho de M. Hirschfeld no *Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen*, 1904. Cf. também Brill, *The Conception of Homosexuality*, *Journal of the AMA*, 2 de agosto de 1913.

[4] Tal luta contra a compulsão à inversão favorece curas por sugestão da psicanálise.

[5] Muitos enfatizaram com justiça o fato de que as declarações autobiográficas dos invertidos, quanto ao momento do aparecimento de sua tendência à inversão, não são confiáveis, pois podem ter reprimido da memória quaisquer evidências de sentimentos heterossexuais.

A psicanálise confirmou esta suspeita em todos os casos de inversão acessíveis e mudou decididamente a sua anamnese, preenchendo as

amnésias infantis.

[6] Com que reserva o diagnóstico de degeneração deve ser feito e que pequeno significado prático pode ser atribuído a ela pode ser deduzido das discussões de Moebius (Ueber Entartung; Grenzfragen des Nerven- und Seelenlebens, No. III, 1900). Ele diz: "Se examinarmos a ampla esfera da degeneração sobre a qual lançamos alguma luz aqui, poderemos concluir sem mais delongas que é realmente de pouco valor diagnosticar a degeneração".

[7] Devemos concordar com o porta-voz do "Uranismo" que alguns dos homens mais proeminentes conhecidos foram invertidos e talvez invertidos absolutos.

[8] Na concepção de inversão, as características patológicas foram separadas das antropológicas. Este crédito é devido a I. Bloch (Beiträge zur Ätiologie der Psychopathia Sexualis, 2 Teile, 1902-3), que também trouxe à tona a existência de inversão nas antigas nações civilizadas.

[9] Compare a última discussão detalhada do hermafroditismo somático (Taruffi, Hermaphroditismus und Zeugungsunfähigkeit, edição alemã de R. Teuscher, 1903) e as obras de Neugebauer em muitos volumes do Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen.

[10] J. Halban, "Die Entstehung der Geschlechtscharaktere", Arch. para Gynäkologie, Bd. 70, 1903. Veja também a literatura sobre o assunto.

[11] De acordo com um relatório no Vol. 6 do Jahrbuch f. sexuelle Zwischenstufen, E. Gley supostamente foi o primeiro a mencionar a bissexualidade como uma explicação da inversão. Ele publicou um artigo

(Les Abérrations de l'instinct Sexuel) na Revue Philosophique já em janeiro de 1884. Além disso, é digno de nota que a maioria dos autores que atribuem a inversão à bissexualidade assumem este fator não apenas para os invertidos, mas também para aqueles que se desenvolveram normalmente, e interpretam justamente a inversão como resultado de uma perturbação no desenvolvimento. Entre esses autores estão Chevalier (*Inversion Sexuelle*, 1893) e v. Krafft-Ebing ("Zur Erklärung der konträren Sexualempfindung," *Jahrbücher f. Psychiatrie u. Nervenheilkunde*, XIII), que afirma que há uma série de observações "das quais resulta pelo menos a existência virtual e continuada deste segundo centro (do sexo subjacente)." Um Dr. Arduin (*Die Frauenfrage und die sexuellen Zwischenstufen*, 2º vol. do *Jahrbuch f. sexuelle Zwischenstufen*, 1900) afirma que "em cada homem existem elementos masculinos e femininos". Veja também o mesmo *Jahrbuch*, Bd. I, 1899 ("Die objektive Diagnose der Homosexualität", por M. Hirschfeld, pp. 8-9). Na determinação do sexo, no que diz respeito às pessoas heterossexuais, algumas são desproporcionalmente mais desenvolvidas do que outras. G. Herman está firme em sua crença "de que em cada mulher existem germes e qualidades femininas, e em cada homem existem germes e qualidades femininas" (*Genesis, das Gesetz der Zeugung*, 9 Bd., *Libido und Manie*, 1903). Ainda em 1906, W. Fliess (*Der Ablauf des Lebens*) reivindicou a propriedade da ideia de bissexualidade (no sentido de duplo sexo). A investigação psicanalítica opõe-se fortemente à tentativa de separar os homossexuais de outras pessoas como um grupo de natureza especial. Ao estudar também outras excitações sexuais além das manifestamente abertas, descobre que todos os homens são capazes de seleção homossexual de objetos e que na verdade conseguem isso no inconsciente. Na verdade, os apegos de

sentimentos libidinosos a pessoas do mesmo sexo desempenham um papel não pequeno como fatores na vida psíquica normal e, como fatores causadores de doenças, desempenham um papel maior do que aqueles pertencentes ao sexo oposto. Segundo a psicanálise, parece antes que é a independência do objeto, a seleção do sexo do objeto, a mesma disposição livre sobre os objetos masculinos e femininos, como observada na infância, nos estados primitivos e nos tempos pré-históricos, que constitui a origem a partir da qual se desenvolveram os tipos normal e invertido, seguindo restrições nesta ou naquela direção. No sentido psicanalítico, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher também é um problema que requer explicação, e não é algo evidente e explicável com base na atração química. A determinação do comportamento sexual definido só ocorre depois da puberdade e é o resultado de uma série de fatores ainda não observáveis, alguns dos quais são de natureza constitucional, enquanto outros são de natureza accidental. Certamente alguns destes fatores podem revelar-se tão enormes que, pela sua natureza, influenciam o resultado. Em geral, porém, a multiplicidade dos fatores determinantes reflecte-se na multiplicidade dos resultados no comportamento sexual manifesto da pessoa. Nos tipos de inversão pode-se verificar que são totalmente controlados por uma constituição arcaica e por mecanismos psíquicos primitivos. A importância da seleção narcísica do objeto e o apego ao significado erótico da zona anal parecem ser as suas características mais essenciais. Mas não se ganha nada separando os tipos de inversão mais extremos dos outros com base em tais peculiaridades constitucionais. O que é encontrado neste último como aparentemente um determinante adequado também pode ser demonstrado apenas com menor força na constituição de tipos transicionais e em pessoas manifestamente normais.

As diferenças nos resultados podem ser de natureza qualitativa, mas a análise mostra que as diferenças nos determinantes são apenas quantitativas. Como fator marcante entre as influências acidentais da selecção do objeto, encontramos a rejeição sexual ou a intimidação sexual precoce, tendo-nos também chamado a atenção para o fato de a existência de ambos os progenitores desempenhar um papel importante na vida da criança. O desaparecimento de um pai forte na infância favorece não raro a inversão. Finalmente, poder-se-ia exigir que a inversão do objeto sexual fosse teoricamente estritamente separada da mistura das características sexuais no sujeito. Uma certa independência é inconfundível também nesta relação.

[12] Embora a psicanálise ainda não nos tenha dado uma explicação completa da origem da inversão, revelou o mecanismo psíquico da sua génese e enriqueceu essencialmente os problemas em questão. Em todos os casos examinados constatamos que os invertidos posteriores passam na infância por uma fase de fixação muito intensa mas efêmera na mulher (geralmente na mãe) e depois de superada se identificam com a mulher e se tomam como objeto sexual; isto é, procedendo numa base narcisista, procuram jovens que se pareçam com eles em pessoas que desejam amar como a sua mãe os amou. Além disso, descobrimos frequentemente que os supostos invertidos não são de forma alguma indiferentes aos encantos das mulheres, mas a excitação evocada pela mulher é sempre transferida para um objeto masculino. Repete assim ao longo da vida o mecanismo que deu origem à sua inversão. Seu desejo obsessivo pelo homem revela-se determinado pela fuga incansável da mulher.

[13] A diferença mais pronunciada entre a vida sexual (Liebesleben) da antiguidade e a nossa reside no fato de que os antigos colocavam ênfase no próprio impulso, enquanto nós o colocamos em seu objeto. Os antigos exaltavam o impulso e estavam prontos a enobrecer através dele até mesmo um objeto inferior, enquanto nós menosprezamos a atividade do impulso como tal e apenas o apoiamos por causa dos méritos do objeto.

[14] Devo mencionar aqui que a obediência cega demonstrada pelo sujeito hipnotizado ao hipnotizador me faz pensar que a natureza da hipnose se encontra na fixação inconsciente da libido na pessoa do hipnotizador (por meio do componente masoquista da pulsão sexual).

Ferenczi conecta esse caráter de sugestionabilidade com o "complexo parental" (Jahrbuch für Psychoanalytische und psychopathologische Forschungen, I, 1909).

[15] Além disso, deve-se notar que a supervalorização sexual não se torna pronunciada em todos os mecanismos de seleção de objetos, e que mais tarde aprenderemos a conhecer outra explicação mais direta para o papel sexual das outras partes do corpo.

[16] Investigações posteriores levam à conclusão de que I. Bloch superestimou o fator excitação-fome (Reizhungler). As diversas estradas pelas quais a libido se move comportam-se entre si desde o início como tubos de comunicação; o fator de streaming de garantias também deve ser considerado.

[17] Esta fraqueza corresponde à predisposição constitucional. A intimidação sexual precoce, que afasta a pessoa do alvo sexual normal e a

incita a procurar um substituto, foi demonstrada pela psicanálise como um determinante acidental.

[18] O sapato ou chinelo é, portanto, um símbolo dos órgãos genitais femininos.

[19] A psicanálise preencheu a lacuna na compreensão dos fetichismos, mostrando que a seleção do fetiche depende de um desejo-olfato coprofílico que foi perdido pela repressão. Pés e cabelos são objetos de cheiro forte que se elevam a fetiches após a renúncia à agora desagradável sensação do olfato. Assim, apenas o pé imundo e malcheiroso é o objeto sexual na perversão que corresponde ao fetichismo do pé. Outra contribuição para a explicação da preferência fetichista do pé encontra-se nas Teorias Sexuais Infantis (ver mais adiante). O pé substitui o pênis que tanto faz falta na mulher. Em alguns casos de fetichismo do pé, pôde-se demonstrar que o desejo de olhar originalmente dirigido aos órgãos genitais, que desejava alcançar o seu objeto por baixo, foi interrompido no caminho pela proibição e pela repressão e, portanto, aderiu ao pé ou ao sapato como um fetiche. Em conformidade com a expectativa infantil, o genital feminino foi então imaginado como um genital masculino.

[20] Não tenho dúvidas de que a concepção do “belo” está enraizada no solo da excitação sexual e originalmente significava o excitante sexual. O mais notável, portanto, é o fato de que os órgãos genitais, cuja visão provoca a maior excitação sexual, nunca podem realmente ser considerados “belos”.

[21] Cf. aqui a comunicação posterior sobre as fases pré-genitais do desenvolvimento sexual, na qual esta visão é confirmada. Veja abaixo,

"Ambivalência".

[22] Em vez de fundamentar esta afirmação com muitos exemplos, citarei apenas Havelock Ellis (O Impulso Sexual, 1903): "Todos os casos conhecidos de sadismo e masoquismo, mesmo aqueles citados por v. Krafft-Ebing, sempre mostram (como já foi mostrado por Colin, Scott e Féré) traços de ambos os grupos de manifestações no mesmo indivíduo."

[23] Por outro lado, as forças restritivas da evolução sexual - nojo, vergonha, moralidade - também devem ser encaradas como precipitados históricos das inibições externas que a pulsão sexual experimentou na psicogênese da humanidade. Pode-se observar que eles aparecem em seu tempo durante o desenvolvimento do indivíduo quase que espontaneamente a pedido de educação e influência.

[24] Studien über Hysterie, 1895, J. Breuer conta sobre o paciente em quem praticou pela primeira vez o método catártico: "O fator sexual estava surpreendentemente subdesenvolvido."

[25] As bem conhecidas fantasias dos pervertidos que, sob condições favoráveis, são transformadas em artifícios, os medos delirantes dos paranóicos que são projetados de maneira hostil nos outros, e as fantasias inconscientes dos histéricos que são descobertos em seus sintomas pela psicanálise, concordam quanto ao conteúdo nos mínimos detalhes.

[26] Uma psiconeurose muitas vezes se associa a uma inversão manifesta na qual o sentimento heterossexual fica sujeito à repressão completa. - Basta afirmar que a necessidade de um reconhecimento geral da tendência à inversão nos psiconeuróticos foi-me transmitida pela primeira vez

pessoalmente por Wilh. Fliess, de Berlim, depois que eu mesmo o descobri em alguns casos.

[27] Não é fácil justificar aqui esta suposição que foi tirada de uma classe definida de doenças neuróticas. Por outro lado, seria impossível afirmar algo definitivo sobre os impulsos se não nos demos ao trabalho de mencionar estes pressupostos.

[28] Deveríamos pensar aqui na afirmação de Moll, que divide a pulsão sexual em impulsos de contração e detumescência. Contração significa desejo de tocar a pele.

## 05. II. A sexualidade infantil

Segundo ensaio: sexualidade infantil, latência e fontes da excitação

Faz parte da crença popular sobre a pulsão sexual que ela esteja ausente na infância e que apareça pela primeira vez no período da vida conhecido como puberdade. Isto, embora seja um erro comum, tem consequências graves e deve-se principalmente à nossa atual ignorância dos princípios fundamentais da vida sexual. Um estudo abrangente das manifestações sexuais da infância provavelmente nos revelaria a existência das características essenciais da pulsão sexual e nos familiarizaria com seu desenvolvimento e sua composição a partir de diversas fontes.

\*A negligência do infantil.\* - É notável que os escritores que se esforçam para explicar as qualidades e reações do indivíduo adulto tenham dado muito mais atenção ao período ancestral do que ao período da própria existência do indivíduo - isto é, atribuíram mais influência à hereditariedade do que à infância. Na verdade, poderia muito bem supor-se que a influência deste último período seria mais fácil de compreender e que teria direito a mais consideração do que a hereditariedade.[1] Na verdade, ocasionalmente encontramos na literatura médica notas sobre as atividades sexuais prematuras de crianças pequenas, sobre ereções e masturbação e até mesmo ações semelhantes ao coito, mas estas são referidas meramente como ocorrências excepcionais, como curiosidades, ou como exemplos dissuasores de perversidade prematura. Nenhum autor, que eu saiba, reconheceu a normalidade da pulsão sexual na infância, e nos numerosos escritos sobre o desenvolvimento da criança o capítulo sobre "Desenvolvimento Sexual" é geralmente ignorado.[2]

\*Amnésia infantil.\* - Esta notável negligência se deve em parte a considerações convencionais, que influenciam os escritores devido à sua própria educação, e em parte a um fenômeno psíquico que até agora permaneceu inexplicável. Refiro-me à amnésia peculiar que oculta à maioria das pessoas (não a todas!) os primeiros anos da sua infância, geralmente os primeiros seis ou oito anos. Até agora não nos ocorreu que esta amnésia deveria nos surpreender, embora tenhamos boas razões para surpresa. Pois somos informados de que naqueles anos dos quais mais tarde não obtemos nada, exceto alguns fragmentos de memória incompreensíveis, reagimos vividamente às impressões, que manifestamos dor e prazer como qualquer ser humano, que demonstramos amor, ciúme e outras paixões à medida que nos afetavam; na verdade, somos informados de que proferimos comentários que provaram aos adultos que possuímos compreensão e um poder de julgamento emergente. Ainda não sabemos nada de tudo isso quando envelhecemos. Por que nossa memória fica atrás de todas as nossas outras atividades psíquicas? Realmente temos motivos para acreditar que em nenhum momento da vida somos mais capazes de impressões e reproduções do que durante os anos da infância.[3]

Por outro lado, devemos assumir, ou podemos convencer-nos através de observações psicológicas sobre os outros, que as próprias impressões que esquecemos deixaram, no entanto, os traços mais profundos na nossa vida psíquica e agiram como determinantes para todo o nosso desenvolvimento futuro. Concluimos, portanto, que não se trata de um verdadeiro esquecimento das impressões infantis, mas sim de uma amnésia semelhante à observada nos neuróticos para experiências posteriores, cuja natureza consiste em serem detidas da consciência (repressão). Mas que

forças provocam esta repressão das impressões infantis? Quem conseguir resolver esse enigma também explicará a amnésia histérica.

Não hesitaremos, contudo, em afirmar que a existência da amnésia infantil nos proporciona um novo ponto de comparação entre os estados psíquicos da criança e os do psiconeurótico. Já encontramos outro ponto de comparação quando confrontados com o fato de que a sexualidade do psiconeurótico preserva o caráter infantil ou voltou a ele. Não poderá haver uma ligação última entre a amnésia infantil e a amnésia histérica?

A conexão entre a amnésia infantil e a histérica é realmente mais do que um mero jogo de humor. A amnésia histérica que serve à repressão só pode ser explicada pelo fato de que o indivíduo já possui uma soma de lembranças que foram retiradas da disposição consciente e que, por conexão associativa, agora apreendem aquilo que é influenciado pelas forças repulsivas da repressão emanadas da consciência.[4] Podemos dizer que sem amnésia infantil não haveria amnésia histérica.

Acredito que a amnésia infantil que faz com que o indivíduo olhe para a sua infância como se fosse um tempo pré-histórico e lhe oculta o início da sua própria vida sexual - que esta amnésia é responsável pelo fato de normalmente não se atribuir qualquer valor ao período infantil no desenvolvimento da vida sexual. Um único observador não pode preencher a lacuna assim produzida no nosso conhecimento. Já em 1896 eu já havia enfatizado a importância da infância para a origem de certos fenômenos importantes relacionados com a vida sexual, e desde então não deixei de colocar em primeiro plano a importância do fator infantil para a sexualidade.

## O PERÍODO DE LATÊNCIA SEXUAL DA INFÂNCIA E SUAS INTERRUPÇÕES

As descobertas extraordinariamente frequentes de manifestações sexuais aparentemente anormais e excepcionais na infância, bem como a descoberta de reminiscências infantis em neuróticos, até então inconscientes, permitem-nos esboçar o seguinte quadro do comportamento sexual da infância.[5]

Parece certo que a criança recém-nascida traz consigo os germes das sensações sexuais que continuam a desenvolver-se durante algum tempo e depois sucumbem a uma supressão progressiva, que por sua vez é interrompida pelos avanços adequados do desenvolvimento sexual e que pode ser controlada pelas idiossincrasias individuais. Nada se sabe sobre as leis e a periodicidade deste curso oscilante de desenvolvimento. Parece, no entanto, que a vida sexual da criança se manifesta principalmente no terceiro ou quarto ano de alguma forma acessível à observação.[6]

*\*A Inibição Sexual.\** - É durante este período de latência total ou pelo menos parcial que se desenvolvem as forças psíquicas que mais tarde atuam como inibições na vida sexual e estreitam sua direção como represas. Essas forças psíquicas são a aversão, a vergonha e as exigências morais e estéticas ideais. Podemos ter a impressão de que a construção dessas barreiras na criança civilizada é obra da educação; e certamente a educação contribui muito para isso. Na realidade, porém, este desenvolvimento é determinado organicamente e pode ocasionalmente ser produzido sem a ajuda da educação. Na verdade, a educação só permanece adequadamente dentro do domínio que lhe foi atribuído se seguir

estritamente o caminho do determinante orgânico e lhe imprimir uma impressão um pouco mais limpa e profunda.

*\*Formação de reação e sublimação.\** - Quais são os meios que realizam essas construções tão importantes e tão significativas para a cultura e normalidade pessoal posteriores? Provavelmente são provocadas à custa da própria sexualidade infantil, cujo influxo não cessou nem mesmo neste período de latência - cuja energia, na verdade, foi desviada total ou parcialmente da utilização sexual e conduzida para outros objetivos. Os historiadores da civilização parecem ser unânimes na opinião de que tal desvio das forças motrizes sexuais dos alvos sexuais para novos objetivos, um processo que merece o nome de sublimação, forneceu componentes poderosos para todas as realizações culturais. Acrescentaremos, portanto, que o mesmo processo atua no desenvolvimento de cada indivíduo, e que começa a atuar no período de latência sexual.[7]

Também podemos arriscar uma opinião sobre os mecanismos dessa sublimação. As sensações sexuais destes anos infantis, por um lado, não poderiam ser utilizáveis, uma vez que as funções de procriação são adiadas - esta é a característica principal do período de latência; por outro lado, seriam em si perversos, pois emanariam de zonas erógenas e nasceriam de impulsos que no curso do desenvolvimento do indivíduo só poderiam evocar um sentimento de desprazer. Despertam, portanto, forças contrárias (sentimentos de reação) que, para suprimir tal descontentamento, constroem as represas psíquicas acima mencionadas: aversão, vergonha e moralidade.[8]

\*As Interrupções do Período de Latência.\* - Sem nos iludirmos quanto à natureza hipotética e à falta de clareza de nossa compreensão a respeito do período infantil de latência e atraso, retornaremos à realidade e afirmaremos que tal utilização da sexualidade infantil representa uma educação ideal da qual o desenvolvimento do indivíduo geralmente se desvia em certa medida e muitas vezes de forma muito considerável. Uma parte da manifestação sexual que se retirou da sublimação ocasionalmente irrompe, ou uma atividade sexual permanece durante toda a duração do período de latência, até a irrupção reforçada da pulsão sexual na puberdade. Na medida em que prestaram alguma atenção à sexualidade infantil, os educadores comportam-se como se partilhassem as nossas opiniões relativas à formação das forças morais de defesa à custa da sexualidade, e como se soubessem que a atividade sexual torna a criança ineducável; pois os educadores consideram todas as manifestações sexuais da criança como um “mal” diante do qual pouco se pode realizar. Temos, porém, todos os motivos para dirigir a nossa atenção para esses fenómenos tão temidos pelos educadores, pois esperamos encontrar neles a solução da formação primitiva da pulsão sexual.

#### AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL

Por razões que discutiremos mais tarde, tomaremos como modelo das manifestações sexuais infantis a sucção do dedo (chupar por prazer), à qual o pediatra húngaro Lindner dedicou um excelente ensaio.[9]

\*Chupar o dedo.\* - A sucção do dedo, que se manifesta no bebê em amamentação e que pode ser continuada até a maturidade ou ao longo da vida, consiste em uma repetição rítmica do contato de sucção com a boca

(os lábios), onde o propósito de se alimentar é excluído. Uma parte do próprio lábio, a língua, que é outra região preferível da pele ao alcance, e até mesmo o dedão do pé - podem ser considerados objetos de sucção. Simultaneamente, há também um desejo de agarrar coisas, que se manifesta num puxão rítmico do lóbulo da orelha e que pode fazer com que a criança agarre uma parte de outra pessoa (geralmente a orelha) para o mesmo propósito. A sucção prazerosa está ligada a todo um esgotamento de atenção e leva ao sono ou mesmo a uma reação motora em forma de orgasmo.[10] A sucção prazerosa costuma ser combinada com o contato de fricção com certas partes sensíveis do corpo, como os seios e os órgãos genitais externos. É por esse caminho que muitas crianças passam da sucção do dedo à masturbação.

O próprio Lindner reconheceu a natureza sexual desta ação e enfatizou-a abertamente. No berçário, chupar o dedo costuma ser tratado da mesma forma que qualquer outra "travessura" sexual da criança. Uma objeção muito forte foi levantada contra esse ponto de vista por muitos pediatras e neurologistas, o que certamente se deve em parte à confusão dos termos "sexual" e "genital". Esta contradição levanta a difícil questão, que não pode ser rejeitada, nomeadamente, em que traços gerais queremos reconhecer as manifestações sexuais da criança. Acredito que a associação das manifestações sobre as quais obtivemos conhecimento através da investigação psicanalítica nos justifica reivindicar a sucção do dedo como atividade sexual e estudar através dela as características essenciais da atividade sexual infantil.

\*Autoerotismo.\* - É nosso dever aqui organizar este estado de coisas de maneira diferente. Insistamos que o caráter mais marcante desta atividade

sexual é que o impulso não é dirigido contra outras pessoas, mas que se gratifica no seu próprio corpo; para usar o termo feliz inventado por Havelock Ellis, diremos que é autoerótico.[11]

Além disso, é claro que a ação da criança que chupa o dedo é determinada pelo fato de ela buscar um prazer já experimentado e agora lembrado. Através da sucção rítmica de uma porção da pele ou mucosa ela encontra a gratificação da maneira mais simples. Também é fácil conjecturar em que ocasiões a criança experimentou pela primeira vez esse prazer que agora se esforça por renovar. A primeira e mais importante atividade na vida da criança, a sucção do seio materno (ou seu substituto), deve tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança se comportaram como uma zona erógena e que a excitação através do jato quente de leite foi realmente a causa da sensação de prazer. Na verdade, a gratificação da zona erógena foi inicialmente unida à gratificação de se alimentar. Aquele que vê uma criança saciada afundar-se no seio da mãe e adormecer com as bochechas vermelhas e um sorriso feliz, terá de admitir que esta imagem permanece tão típica da expressão da gratificação sexual na vida adulta. Mas o desejo de repetição da gratificação sexual está separado do desejo de se alimentar; uma separação que se torna inevitável com o aparecimento dos dentes, quando o alimento não é mais sugado, mas mastigado. A criança não utiliza um objeto estranho para sugar, mas prefere a própria pele porque é mais conveniente, porque assim se torna independente do mundo exterior que ainda não pode controlar, e porque assim cria para si mesma, por assim dizer, uma segunda zona erógena, mesmo que inferior. A inferioridade desta segunda região leva-a a procurar mais tarde as mesmas partes, os lábios de outra pessoa. ("É uma pena que

eu não possa me beijar”, pode ser atribuído a isso.)

Nem todas as crianças chupam o dedo. Pode-se presumir que ela é encontrada apenas em crianças nas quais o significado erógeno da zona labial é constitucionalmente reforçado. As crianças nas quais isso é mantido beijam habitualmente quando adultos e mostram uma tendência a beijos perversos, ou como homens têm um desejo acentuado de beber e fumar. Mas se a repressão entra em ação, eles sentem repulsa por comer e evidenciam vômitos histéricos. Em virtude da comunidade da zona labial, a repressão invade o impulso de nutrição. Muitas de minhas pacientes que apresentavam distúrbios alimentares, como globos histéricos, sensações de asfixia e vômitos, eram chupadoras de dedo enérgicas durante a infância.

Na sucção do polegar ou do prazer já pudemos observar os três caracteres essenciais de uma manifestação sexual infantil. Este último tem a sua origem em conjunto com uma função corporal muito importante para a vida, ainda não conhece nenhum objeto sexual, é autoerótico e o seu alvo sexual está sob o controle de uma zona erógena. Suponhamos por enquanto que esses caracteres também são válidos para a maioria das outras atividades da pulsão sexual infantil.

O alvo sexual DA SEXUALIDADE INFANTIL

\*As características das zonas erógenas.\* - A partir do exemplo da sucção no dedo, podemos reunir muitos pontos úteis para distinguir uma zona erógena. É uma porção da pele ou mucosa na qual os estímulos produzem uma sensação de prazer de qualidade definida. Não há dúvida de que os estímulos produtores de prazer são governados por determinantes especiais que desconhecemos. Os caracteres rítmicos devem desempenhar

algum papel neles e isso sugere fortemente uma analogia com as cócegas. Contudo, não parece tão certo se o caráter da sensação de prazer evocada pelo estímulo pode ser designado como "peculiar" e em que parte desta peculiaridade existe o fator sexual. A psicologia ainda tateia no escuro quando se trata de questões de prazer e dor, e a suposição mais cautelosa é, portanto, a mais aconselhável. Talvez possamos mais tarde encontrar razões que parecem apoiar a qualidade peculiar da sensação de prazer.

A qualidade erógena pode aderir principalmente a regiões definidas do corpo. Como mostra o exemplo da sucção no dedo, existem zonas erógenas predestinadas. Mas o mesmo exemplo também mostra que qualquer outra região da pele ou mucosa pode assumir a função de zona erógena; deve, portanto, trazer consigo uma certa adaptabilidade. A produção da sensação de prazer depende, portanto, mais da qualidade do estímulo do que da natureza da região corporal. A criança que chupa o dedo olha seu corpo ao redor e seleciona qualquer parte dele para chupar com prazer e, ao se acostumar com isso, ela então prefere. Se ele acidentalmente atingir uma região predestinada, como seio, mamilo ou genitais, naturalmente terá preferência. Uma tendência bastante análoga ao deslocamento é novamente encontrada na sintomatologia da histeria. Nesta neurose, a repressão diz respeito principalmente às zonas genitais propriamente ditas; estes, por sua vez, transmitem sua excitação às outras zonas erógenas, geralmente adormecidas na vida madura, que então se comportam exatamente como os órgãos genitais. Mas, além disso, assim como na sucção do dedo, qualquer outra região do corpo pode ser dotada de excitação dos órgãos genitais e elevada a uma zona erógena. As zonas erógenas e histerógenas apresentam as mesmas características.[12]

\*O alvo sexual Infantil.\* - O alvo sexual do impulso infantil consiste na produção de gratificação através da excitação adequada desta ou daquela zona erógena selecionada. Para deixar o desejo de sua repetição, essa gratificação deve ter sido previamente experimentada, e podemos estar certos de que a natureza inventou meios definidos para não deixar esta ocorrência ao mero acaso. O arranjo que cumpriu esse propósito para a zona labial já discutimos; é a conexão simultânea desta parte do corpo com a alimentação. Encontraremos também outros mecanismos semelhantes como fontes de sexualidade. O estado de desejo de repetição de gratificação pode ser reconhecido através de uma sensação peculiar de tensão que em si é de caráter bastante doloroso, e através de uma sensação de coceira ou sensibilidade determinada centralmente que é projetada na zona erógena periférica. O alvo sexual pode, portanto, ser formulado da seguinte forma: o objetivo principal é substituir o sentimento de sensibilidade projetado na zona erógena por aquele estímulo externo que remove o sentimento de sensibilidade, evocando o sentimento de gratificação. Este estímulo externo consiste geralmente numa manipulação análoga à sucção.

Está totalmente de acordo com o nosso conhecimento fisiológico se o desejo for despertado também periféricamente através de uma mudança real na zona erógena. A ação só é intrigante até certo ponto, na medida em que um estímulo para a sua supressão parece querer que outro seja aplicado ao mesmo lugar.

AS MANIFESTAÇÕES SEXUAIS MASTURBÁTICAS[13]

É uma grande satisfação saber que não há mais nada de maior importância para aprender sobre a atividade sexual da criança depois que o impulso de uma zona erógena se tornou compreensível para nós. As diferenças mais pronunciadas encontram-se na ação necessária à gratificação, que consiste em sugar para a zona labial e que deve ser substituída por outras ações musculares conforme a situação e natureza das demais zonas.

*\*A Atividade da Zona Anal.\** - Assim como a zona labial, a zona anal é, através de sua posição, adaptada para conduzir a sexualidade às demais funções do corpo. Deve-se supor que o significado erógeno desta região do corpo era originalmente muito grande. Através da psicanálise encontramos, não sem surpresa, as muitas transformações que normalmente são empreendidas com as excitações habituais que daqui emanam, e que esta zona muitas vezes retém para a vida um fragmento considerável de irritabilidade genital.[14] Os catarros intestinais, tão frequentes durante a infância, produzem irritações intensas nesta zona, e muitas vezes ouvimos dizer que o catarro intestinal nesta idade delicada causa "nervosismo". Nas doenças neuróticas posteriores, exercem uma influência definida na expressão sintomática da neurose, colocando à sua disposição todo o conjunto dos distúrbios intestinais. Considerando a importância erógena da zona anal que foi retida pelo menos na transformação, não se deve rir das influências hemorroidárias às quais a antiga literatura médica atribuía tanto peso na explicação dos estados neuróticos.

As crianças que utilizam a sensibilidade erógena da zona anal podem ser reconhecidas pela retenção das massas fecais até que, através do acúmulo, resultem contrações musculares violentas; a passagem dessas massas pelo

ânus pode produzir uma irritação acentuada da membrana mucosa. Além da dor, isto deve produzir também uma sensação de prazer. Uma das premonições mais seguras de excentricidade ou nervosismo posteriores é quando um bebê se recusa obstinadamente a esvaziar o intestino quando colocado na enfermaria pela enfermeira e reserva essa função para seu próprio prazer. Não lhe interessa que sujará a cama; tudo o que lhe importa é não perder o prazer subsidiário ao defecar. Os educadores têm mais uma vez a noção certa quando designam como más as crianças que retêm essas funções. O conteúdo do intestino, que é um objeto excitante para a superfície sexualmente sensível da membrana mucosa, comporta-se como o precursor de outro órgão que só se torna ativo depois da fase da infância. Além disso, possui outros significados importantes para a criança. É evidentemente tratado como uma parte adicional do corpo, representa a primeira “doação”, cuja disposição expressa a flexibilidade, enquanto a retenção dela pode expressar o despeito do pequeno ser para com o seu ambiente. Da ideia de “doação” ele ganha posteriormente o significado de “bebê” que, segundo uma das teorias sexuais infantis, é adquirido pela alimentação e nasce pelo intestino.

A retenção de massas fecais, a princípio intencional para utilizá-las, por assim dizer, para a excitação masturbatória da zona anal, é pelo menos uma das raízes da constipação tão frequente nos neuropatas. Todo o significado da zona anal reflete-se no fato de que há poucos neuróticos que não têm seus costumes, cerimônias escatológicas especiais, etc., que mantêm com cauteloso sigilo.

A verdadeira irritação masturbatória da zona anal por meio dos dedos, evocada por prurido de suporte central ou periférico, não é nada rara em

crianças mais velhas.

\*A Atividade da Zona Genital.\* - Entre as zonas erógenas do corpo da criança há uma que certamente não desempenha o papel principal e que não pode ser a portadora das primeiras sensações sexuais - que, no entanto, está destinada a grandes coisas na vida adulta. Tanto no homem como na mulher está relacionado com a micção da urina (pênis, clitóris), e no primeiro é encerrado num saco de mucosa, provavelmente para não perder as irritações causadas pelas secreções que podem despertar a excitação sexual em idade precoce. As atividades sexuais desta zona erógena, que pertence aos órgãos genitais reais, são o início da vida sexual normal posterior.

Devido à posição anatômica, ao transbordamento de secreções, à lavagem e fricção do corpo e a certas excitações acidentais (a perambulação de vermes intestinais na menina), acontece que a sensação de prazer que essas partes do corpo são capazes de produzir torna-se perceptível para a criança ainda na idade de sucção, despertando assim o desejo de sua repetição. Quando revisamos todos os arranjos reais, e temos em mente que as medidas de limpeza têm o mesmo efeito que a própria impureza, dificilmente podemos confundir a intenção da natureza, que é estabelecer a futura primazia destas zonas erógenas para a atividade sexual através do onanismo infantil do qual dificilmente um indivíduo escapa. A ação de retirar o estímulo e liberar a gratificação consiste em uma contiguidade de fricção com a mão ou em certo reflexo de pressão previamente formado, efetuado pelo fechamento das coxas. Este último procedimento parece ser o mais primitivo e é de longe o mais comum nas meninas. A preferência pela mão nos meninos já indica que uma parte importante da atividade

sexual masculina será realizada no futuro pelo impulso à maestria (Bemächtigungstrieb).[15] Só poderei contribuir para a clareza se eu afirmar que a masturbação infantil deve ser dividida em três fases. A primeira fase pertence ao período de amamentação, a segunda ao curto período de florescimento da atividade sexual por volta do quarto ano, apenas a terceira corresponde àquela que muitas vezes é considerada exclusivamente como onanismo da puberdade.

O onanismo infantil parece desaparecer após um breve período, mas pode continuar ininterruptamente até a puberdade e representar assim o primeiro desvio acentuado do desenvolvimento desejável para o homem civilizado. Em algum momento durante a infância, após o período de amamentação, a pulsão sexual dos órgãos genitais desperta novamente e continua ativa por algum tempo até ser novamente suprimido, ou pode continuar sem interrupção. As relações possíveis são muito diversas e só podem ser elucidadas através de uma análise mais precisa de casos individuais. Os detalhes, porém, desta segunda atividade sexual infantil deixam as impressões mais profundas (inconscientes) na memória da pessoa; se o indivíduo permanecer saudável, eles determinam seu caráter e se ele adoecer após a puberdade, determinam a sintomatologia de sua neurose.[16] Neste último caso verifica-se que este período sexual é esquecido e as reminiscências conscientes que apontam para ele são deslocadas; Já mencionei que gostaria de relacionar a amnésia infantil normal com esta atividade sexual infantil. Pela investigação psicanalítica é possível trazer à consciência o material esquecido e, assim, remover uma compulsão que emana do material psíquico inconsciente.

\*O retorno da masturbação infantil.\* - A excitação sexual do período de amamentação retorna durante os anos designados da infância como uma sensação de cócegas centralmente determinada que exige gratificação onanística, ou como um processo semelhante à poluição que, análogo à poluição da maturidade, pode atingir a gratificação sem a ajuda de qualquer ação. Este último caso é mais frequente nas meninas e na segunda metade da infância; seus determinantes não são bem compreendidos, mas muitas vezes, embora não regularmente, parece ter como base um período de onanismo ativo inicial. A sintomatologia desta manifestação sexual é pobre; o aparelho genital ainda está subdesenvolvido e todos os sinais são, portanto, apresentados pelo aparelho urinário que é, por assim dizer, o guardião do aparelho genital. A maioria dos chamados distúrbios da bexiga neste período são de natureza sexual; sempre que a enurese noturna não representa um ataque epiléptico corresponde a uma poluição.

O retorno da atividade sexual é determinado por causas internas e externas que podem ser conjecturadas a partir da formação dos sintomas das doenças neuróticas e definitivamente reveladas pelas investigações psicanalíticas. As causas internas serão discutidas mais tarde; as causas externas acidentais alcançam neste momento um significado grande e permanente. Como primeira causa externa temos a influência da sedução que trata prematuramente a criança como um objeto sexual; sob condições que favorecem as impressões, isso ensina à criança a gratificação das zonas genitais e, portanto, geralmente a força a repetir essa gratificação no onanismo. Tais influências podem vir de adultos ou de outras crianças. Não posso admitir que tenha superestimado a sua frequência ou o seu

significado nas minhas contribuições para a etiologia da histeria,[17] embora não soubesse então que indivíduos normais podem ter as mesmas experiências na sua infância e, portanto, atribuisse um valor mais elevado às seduções do que aos fatores encontrados na constituição e desenvolvimento sexual.[18] É bastante óbvio que nenhuma sedução é necessária para despertar a vida sexual da criança, e que tal despertar pode surgir espontaneamente a partir de fontes internas.

\*Disposição polimorfa-perversa.\* - É instrutivo saber que sob a influência da sedução a criança pode se tornar polimorfa-perversa e pode ser enganada em todos os tipos de transgressões. Isso mostra que traz consigo a adaptação para eles à sua disposição. A formação de tais perversões encontra apenas uma ligeira resistência porque as barreiras psíquicas contra as transgressões sexuais, como a vergonha, o ódio e a moralidade - que dependem da idade da criança - ainda não foram erguidas ou estão apenas em processo de formação. Neste aspecto, a criança talvez não se comporte de maneira diferente da mulher comum e inculta, na qual existe a mesma disposição polimorfa-perversa. Tal mulher pode permanecer sexualmente normal em condições normais, mas sob a orientação de um sedutor inteligente ela encontrará prazer em cada perversão e manterá a mesma atividade sexual. A mesma disposição polimorfa ou infantil cabe à prostituta para a sua atividade profissional, e no enorme número de prostitutas e de mulheres a quem devemos atribuir uma adaptação para a prostituição, mesmo que não sigam esta vocação, é absolutamente impossível não reconhecer na sua disposição uniforme para todas as perversões o humano universal e primitivo.

*\*Impulsos Parciais.\** - De resto, a influência da sedução não nos ajuda a desvendar as relações originais da pulsão sexual, mas antes confunde a nossa compreensão dessas relações, na medida em que fornece prematuramente à criança o objeto sexual num momento em que a pulsão sexual infantil ainda não evidencia qualquer desejo por ele. Devemos admitir, contudo, que a vida sexual infantil, embora principalmente sob o controle de zonas erógenas, também apresenta componentes nos quais, desde o início, outras pessoas são consideradas objetos sexuais. Entre estes temos os impulsos de olhar e de se exibir, e de crueldade, que se manifestam um tanto independentemente das zonas erógenas e que só mais tarde entram em relação íntima com a vida sexual; mas, juntamente com a atividade sexual erógena, são perceptíveis, mesmo nos anos infantis, como esforços separados e independentes. A criança é acima de tudo desavergonhada e, durante os primeiros anos, demonstra um prazer definido em exibir o seu corpo e especialmente os seus órgãos sexuais. Uma contrapartida deste desejo que deve ser considerado perverso, a curiosidade de ver os órgãos genitais de outras pessoas, aparece provavelmente primeiro nos últimos anos da infância, quando o impedimento do sentimento de vergonha já atingiu um certo desenvolvimento. Sob a influência da sedução a perversão do olhar pode adquirir grande importância para a vida sexual da criança. Ainda assim, a partir de minhas investigações sobre a infância de pacientes normais e neuróticos, devo concluir que o impulso de olhar pode aparecer na criança como uma manifestação sexual espontânea. As crianças pequenas, cuja atenção já foi dirigida para os seus próprios órgãos genitais - geralmente através da masturbação - tendem a progredir nessa direção sem interferência externa e a desenvolver um interesse vívido pelos órgãos

genitais dos seus companheiros. Como a ocasião para a satisfação de tal curiosidade é geralmente proporcionada durante a satisfação de ambas as necessidades excrementícias, tais crianças tornam-se voyeurs e são espectadores zelosos da micção de urina e fezes dos outros. Após esta tendência ter sido reprimida, a curiosidade de ver os órgãos genitais dos outros (os seus próprios ou os do outro sexo) permanece como um desejo atormentador que, em alguns casos neuróticos, fornece a força motriz mais forte para a formação de sintomas.

O componente cruel da pulsão sexual desenvolve-se na criança com ainda maior independência das atividades sexuais que estão ligadas às zonas erógenas. A crueldade está especialmente próxima do caráter infantil, uma vez que a inibição que restringe o impulso ao domínio antes que cause dor aos outros - isto é, a capacidade de simpatia - desenvolve-se comparativamente tarde. Como sabemos, uma análise psicológica completa deste impulso ainda não foi realizada com sucesso; podemos presumir que os sentimentos cruéis emanam do impulso ao domínio e aparecem num período da vida sexual antes de os órgãos genitais terem assumido o seu papel posterior. Domina então uma fase da vida sexual, que mais tarde descreveremos como a organização pré-genital. As crianças que se distinguem por demonstrarem uma crueldade especial para com os animais e os companheiros de brincadeira podem ser justamente suspeitas de atividade sexual intensa e prematura nas zonas erógenas; e numa prematuridade simultânea de todos os pulsões sexuais, a atividade sexual erógena certamente parece ser primária. A ausência da barreira da simpatia traz consigo o perigo de que as ligações entre a crueldade e os impulsos erógenos formados na infância não possam ser quebradas mais

tarde na vida.

Uma fonte erógena do impulso passivo para a crueldade (masoquismo) é encontrada na dolorosa irritação da região glútea, familiar a todos os educadores desde as confissões de J.J. Rousseau. Isto levou-os, com justiça, a exigir que o castigo físico, que geralmente diz respeito a esta parte do corpo, fosse negado a todas as crianças em quem a libido pudesse ser forçada a seguir caminhos colaterais pelas exigências posteriores da educação cultural.[19]

#### A INVESTIGAÇÃO SEXUAL INFANTIL

\*Inquisitividade.\* - Ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança atinge seu primeiro florescimento, dos três aos cinco anos, também evidencia o início daquela atividade que é atribuída ao impulso de conhecimento e investigação. O desejo de conhecimento não pode ser adicionado aos componentes elementares dos impulsos nem pode ser totalmente subordinado à sexualidade. A sua atividade corresponde por um lado a um modo de aquisição sublimador e por outro lado trabalha com a energia do desejo de olhar. As suas relações com a vida sexual, contudo, são de particular importância, pois aprendemos com a psicanálise que a curiosidade das crianças é atraída para os problemas sexuais involuntariamente cedo e de uma forma inesperadamente intensa; na verdade, talvez possa primeiro ser despertada pelos problemas sexuais.

\*O Enigma da Esfinge.\* - Não são os interesses teóricos, mas os práticos que iniciam o trabalho da atividade de investigação na criança. A ameaça às condições de sua existência através da chegada real ou esperada de um novo filho, o medo da perda de cuidado e amor que está relacionado com

este evento, fazem com que a criança se torne pensativa e sagaz. Correspondendo à história deste despertar, o primeiro problema com que se ocupa não é a questão da diferença entre os sexos, mas o enigma: de onde vêm as crianças? Numa forma distorcida, que pode ser facilmente desvendada, este é o mesmo enigma que foi dado pela Esfinge de Tebas. O fato dos dois sexos geralmente é primeiro aceito pela criança sem luta e hesitação. É bastante natural que a criança do sexo masculino pressuponha que todas as pessoas conhecem um órgão genital como o seu e ache impossível harmonizar a falta dele com a sua concepção dos outros.

*\*O Complexo de Castração.\** - Esta convicção é energicamente aderida pelo menino e tenazmente defendida contra as contradições que logo surgem, e só são abandonadas após severas lutas internas (complexo de castração). As formações substitutivas desse pênis perdido da mulher desempenham um grande papel na formação de muitas perversões.

A suposição do mesmo órgão genital (masculino) em todas as pessoas é a primeira das notáveis e conseqüentes teorias sexuais infantis. De pouca ajuda para a criança quando a ciência biológica concorda com os seus preconceitos e reconhece o clitóris feminino como o verdadeiro substituto do pênis. A menina não reage com recusas semelhantes ao ver o órgão genital do menino de formato diferente. Ela está imediatamente preparada para reconhecê-lo e logo fica com inveja do pênis; essa inveja atinge seu ápice no desejo, conseqüentemente importante, de que ela também seja um menino.

*\*Teorias do Nascimento.\** - Muitas pessoas podem se lembrar claramente de quão intensamente se interessaram, no período pré-púbere, pela

questão de onde vieram os filhos. As soluções anatômicas da época eram muito diferentes; os filhos saem do peito ou são cortados do corpo, ou o umbigo se abre para deixá-los sair. Fora da análise raramente nos lembramos da investigação correspondente aos primeiros anos da infância; há muito que se fundiu com a repressão, mas os seus resultados foram completamente uniformes. Criam-se filhos comendo algo especial (como no conto de fadas) e eles nascem pelo intestino como se fosse uma passagem. Essas teorias infantis lembram as estruturas do reino animal, lembram especialmente a cloaca dos tipos que estão abaixo dos mamíferos.

*\*Concepção Sádica do Ato Sexual.\** - Se crianças de uma idade tão delicada se tornam espectadoras do ato sexual entre adultos, para o qual a ocasião é fornecida pela convicção dos adultos de que as crianças pequenas não conseguem entender nada de sexual, elas não podem deixar de conceber o ato sexual como uma espécie de maltrato ou opressão, isto é, ele as impressiona em um sentido sádico. A psicanálise também nos ensina que essa impressão da primeira infância contribui muito para a disposição para um posterior deslocamento sádico do alvo sexual. Além disso, as crianças também se ocupam com o problema de saber em que consiste o ato sexual ou, como o compreendem, em que consiste o casamento, e procuram a solução do mistério principalmente numa associação à qual as funções de urinar e defecar dão ocasião.

*\*O fracasso típico da investigação sexual infantil.\** - Pode-se afirmar em geral sobre as teorias sexuais infantis que são reproduções da própria constituição sexual da criança e que, apesar de seus erros grotescos, evidenciam mais compreensão dos processos sexuais do que é creditado aos seus criadores. As crianças também percebem a gravidez da mãe e

sabem interpretá-la corretamente; a fábula da cegonha é muitas vezes contada diante de auditores que a confrontam com uma suspeita profunda, mas na maior parte das vezes muda. Mas como dois elementos permanecem desconhecidos para a investigação sexual infantil, a saber, o papel da propagação do sémen e da abertura genital feminina - precisamente os mesmos pontos em que a organização infantil ainda está atrasada - o esforço do investigador infantil permanece regularmente infrutífero e termina numa renúncia que não raramente deixa um dano duradouro ao desejo de conhecimento. A investigação sexual destes primeiros anos da infância é sempre conduzida sozinha, significa o primeiro passo para uma orientação independente no mundo e provoca um distanciamento acentuado entre a criança e as pessoas do seu ambiente que anteriormente gozavam da sua plena confiança.

*\*As Fases de Desenvolvimento da Organização Sexual.\** - Como características da sexualidade infantil enfatizamos até agora o fato de que ela é essencialmente autoerótica (encontra seu objeto em seu próprio corpo), e que seus impulsos parciais individuais, que em seu conjunto são desconectados e independentes uns dos outros, lutam pela aquisição de prazer. O fim deste desenvolvimento constitui a chamada vida sexual normal do adulto, na qual a aquisição do prazer foi colocada a serviço da função de propagação, e os impulsos parciais, sob a primazia de uma única zona erógena, formaram uma organização firme para a realização do alvo sexual num objeto sexual estranho.

*\*Organizações pré-genitais.\** - O estudo, com a ajuda da psicanálise, das inibições e perturbações neste curso de desenvolvimento permite-nos agora reconhecer acréscimos e estágios primários de tal organização dos

impulsos parciais que também fornecem uma espécie de regime sexual. Estas fases da organização sexual normalmente passarão suavemente e só serão reconhecidas por leves indícios. Somente em casos patológicos eles se tornam ativos e discerníveis à observação grosseira.

Organizações da vida sexual nas quais as zonas genitais ainda não assumiram o papel dominante que chamaríamos de fase pré-genital. Até agora, conhecemos dois deles que lembram reversões aos primeiros estados animais.

Uma das primeiras organizações sexuais pré-genitais é a oral ou, se quisermos, a canibal. Aqui a atividade sexual ainda não está separada da alimentação, e os contrastes dentro da mesma ainda não estão diferenciados. O objeto de uma atividade é também o da outra, a finalidade sexual consiste na incorporação do objeto ao próprio corpo, é o protótipo daquilo que mais tarde desempenha um papel psíquico tão importante como a identificação. Como resquício dessa fase fictícia de organização que nos foi imposta pela patologia, podemos considerar a sucção do dedo. Aqui a atividade sexual foi separada da atividade alimentar e o objeto estranho foi abandonado em favor de outro de seu próprio corpo.

Uma segunda fase pré-genital é a organização sádico-anal. Aqui os contrastes que permeiam toda a vida sexual já estão desenvolvidos, mas ainda não podem ser designados como masculino e feminino, mas devem ser chamados de ativos e passivos. A atividade é fornecida pela musculatura do corpo através do impulso de domínio; a mucosa erógena do intestino manifesta-se sobretudo como um órgão com finalidade sexual passiva, para ambos os esforços estão presentes objetos, que no entanto

não se fundem. Além deles, existem outros impulsos parciais que atuam de maneira autoerótica. A polaridade sexual e o objeto estranho já podem, portanto, ser demonstrados nesta fase. Falta ainda a organização e a subordinação sob a função de propagação.

*\*Ambivalência.\** - Esta forma de organização sexual pode ser mantida ao longo da vida e continuar a atrair para si grande parte da atividade sexual. A prevalência do sadismo e o papel da cloaca da zona anal conferem-lhe uma impressão primorosamente arcaica. Como outra característica que lhe pertence podemos citar o fato de o par contrastante de impulsos se desenvolver quase da mesma maneira, comportamento que foi designado por Bleuler com o feliz nome de ambivalência.

A suposição das organizações pré-genitais da vida sexual baseia-se na análise das neuroses e dificilmente merece qualquer consideração sem o conhecimento das mesmas. Podemos esperar que os esforços analíticos contínuos nos forneçam ainda mais revelações relativas à estrutura e ao desenvolvimento da função sexual normal.

Para completar o quadro da vida sexual infantil, deve-se acrescentar que, com frequência ou regularidade, ocorre, mesmo na infância, uma seleção de objetos que é tão característica quanto aquela que representamos para a fase de desenvolvimento da puberdade. Esta seleção objetal ocorre de tal maneira que todos os esforços sexuais prosseguem na direção de uma pessoa na qual desejam atingir o seu objetivo. Esta é então a abordagem mais próxima da formação definitiva da vida sexual após a puberdade, que é possível na infância. Difere deste último apenas no fato de que a coleta dos impulsos parciais e sua subordinação à primazia dos órgãos genitais é

muito imperfeita ou nem sequer realizada na infância. O estabelecimento desta primazia ao serviço da propagação é, portanto, a última fase pela qual passa a organização sexual.

\*Os dois períodos de seleção de objetos.\* - O fato de a seleção de objetos ocorrer em dois períodos, ou em dois turnos, pode ser considerado uma ocorrência típica. A primeira mudança tem origem entre os três e os cinco anos de idade e é interrompida ou regredida pelo período de latência; caracteriza-se pela natureza infantil de seus alvos sexuais. O segundo turno inicia-se com a puberdade e determina a formação definitiva da vida sexual.

O fato da selecção dupla do objeto, que se deve essencialmente ao efeito do período de latência, torna-se mais significativo para a perturbação deste estado terminal. Os resultados da seleção objetal infantil alcançam o período posterior; eles são preservados como tal ou até mesmo atualizados na época da puberdade. Mas devido ao desenvolvimento da repressão que ocorre entre as duas fases, elas tornam-se inutilizáveis. Os alvos sexuais suavizaram-se e representam agora o que podemos designar como as ternas correntes da vida sexual. Somente a investigação psicanalítica pode demonstrar que por trás dessa ternura, como a honra e a estima, estão ocultos os antigos esforços sexuais dos impulsos parciais infantis que agora se tornaram inúteis. A seleção objetal do período pubescente deve renunciar aos objetos infantis e começar de novo como um fluxo sensual. O fato de as duas correntes não se encontrarem com frequência suficiente tem como resultado que um dos ideais da vida sexual, nomeadamente, a união de todos os desejos num único objeto, não pode ser alcançado.

## AS FONTES DA SEXUALIDADE INFANTIL

No nosso esforço para acompanhar as origens da pulsão sexual, descobrimos até agora que a excitação sexual se origina (a) como uma imitação de uma gratificação que foi experimentada em conjunto com outros processos orgânicos; (b) através da estimulação periférica adequada de zonas erógenas; (c) e como expressão de algum “impulso”, como os impulsos de olhar e de crueldade, cuja origem ainda não compreendemos completamente. A investigação psicanalítica da vida posterior, que remonta à infância, e a observação contemporânea da própria criança cooperam para nos revelar ainda outras fontes de excitação sexual que fluem regularmente. A observação da infância tem a desvantagem de tratar de materiais facilmente incompreensíveis, enquanto a psicanálise é dificultada pelo fato de só poder alcançar seus objetos e conclusões por meio de grandes desvios; ainda assim, os esforços unidos de ambos os métodos alcançam um grau suficiente de compreensão positiva.

Ao investigarmos as zonas erógenas, já descobrimos que estas regiões da pele mostram apenas o exagero especial de uma forma de sensibilidade que é, até certo ponto, encontrada em toda a superfície da pele. Portanto, não nos surpreenderá saber que certas formas de sensibilidade geral da pele podem ser atribuídas a ações erógenas muito distintas. Entre estes mencionaremos sobretudo a sensibilidade à temperatura; isto talvez nos prepare para a compreensão dos efeitos terapêuticos dos banhos quentes.

*\*Excitação Mecânica.\** - Devemos, além disso, descrever aqui a produção de excitação sexual por meio de agitação mecânica rítmica do corpo. Existem três tipos de influências excitantes: as que atuam no aparelho

sensorial dos nervos vestibulares, as que atuam na pele e as que atuam nas partes profundas, como os músculos e as articulações. A excitação sexual produzida por essas influências parece ser de natureza prazerosa - vale ressaltar que por algum tempo continuaremos a usar indiscriminadamente os termos "excitação sexual" e "gratificação", deixando a busca pela explicação dos termos para um momento posterior - e que o prazer é produzido pela estimulação mecânica é comprovado pelo fato de que as crianças gostam tanto de brincadeiras que envolvam movimentos passivos, como balançar ou voar no ar, e repetidamente exigem sua repetição. Como sabemos, o balanço é regularmente usado para adormecer crianças inquietas. A sensação de tremor experimentada em vagões e trens exerce uma influência tão fascinante nas crianças mais velhas, que todos os meninos, pelo menos em algum momento de suas vidas, desejam se tornar condutores e motoristas. Eles costumam atribuir às atividades ferroviárias um interesse extraordinário e misterioso e, durante a era da atividade fantástica (pouco antes da puberdade), utilizam-nas como núcleo para requintados simbolismos sexuais. O desejo de conectar as viagens ferroviárias com a sexualidade aparentemente origina-se do caráter prazeroso da sensação de movimento. Quando a repressão mais tarde se instala e transforma tantos gostos infantis em seus opostos, essas mesmas pessoas, como adolescentes e adultos, reagem então ao balanço e ao rolamento com náuseas e ficam terrivelmente exaustas por uma viagem de trem, ou mostram uma tendência a ataques de ansiedade durante a viagem, e ao ficarem obcecados com a fobia de trem, protegem-se contra uma repetição das experiências dolorosas.

Isto também se enquadra no fato ainda não compreendido de que a simultaneidade do medo com o tremor mecânico produz as mais graves formas históricas de neurose traumática. Pode-se pelo menos presumir que, na medida em que mesmo uma leve intensidade dessas influências se torna uma fonte de excitação sexual, a ação de uma quantidade excessiva das mesmas produzirá uma desordem profunda no mecanismo sexual.

*\*Atividade Muscular.\** - É bem sabido que a criança tem necessidade de forte atividade muscular, de cuja gratificação obtém um prazer extraordinário. Se este prazer tem alguma coisa a ver com a sexualidade, se inclui em si a satisfação sexual? ou pode ser ocasião de excitação sexual; tudo isto pode ser refutado por uma consideração crítica, que provavelmente será dirigida também à posição assumida acima, de que o prazer nas sensações do movimento passivo é de caráter sexual ou de que são sexualmente excitantes. Permanece o fato, porém, de que várias pessoas relatam que experimentaram os primeiros sinais de excitação em seus órgãos genitais durante brigas ou lutas com companheiros, situação em que, além do esforço muscular geral, há um contato intensivo com a pele do oponente que também se torna eficaz. O desejo de competição muscular com uma pessoa definida, como o desejo de competição de palavras em anos posteriores, é um bom sinal de que a seleção do objeto foi direcionada a essa pessoa. "Was sich liebt, das neckt sich." [21] Na promoção da excitação sexual através da atividade muscular, podemos reconhecer uma das fontes do impulso sádico. A ligação infantil entre brigas e excitação sexual atua em muitas pessoas como um determinante para o futuro curso preferido de seu pulsão sexual. [22]

\*Processos Afetivos.\* - As outras fontes de excitação sexual na criança estão sujeitas a menos dúvidas. Através de observações contemporâneas, bem como de investigações posteriores, é fácil verificar que todos os processos afetivos mais intensos, mesmo excitações de natureza aterrorizante, invadem a sexualidade; isso pode, de qualquer forma, fornecer-nos uma contribuição para a compreensão da ação patogênica de tais emoções. Na criança em idade escolar, o medo de um próximo exame ou o esforço despendido na solução de uma tarefa difícil pode tornar-se significativo para o surgimento de manifestações sexuais, bem como para suas relações com a escola, na medida em que, sob tais excitações, muitas vezes ocorre uma sensação que a incita a tocar os órgãos genitais, ou conduz a um processo semelhante à poluição, com todas as suas conseqüências desagradáveis. O comportamento das crianças na escola, que é tantas vezes misterioso para o professor, deveria certamente ser considerado em relação à sua sexualidade emergente. A influência sexualmente excitante de alguns afetos dolorosos, como o medo, o tremor e o horror, é sentida por muitas pessoas ao longo da vida e explica prontamente por que tantos procuram oportunidades para experimentar tais sensações, desde que certas circunstâncias acessórias (como sob circunstâncias imaginárias na leitura ou no teatro) suprimam a intensidade do sentimento doloroso.

Se pudéssemos assumir que a mesma ação erógena também atinge os sentimentos dolorosos intensivos, especialmente se a dor for atenuada ou mantida à distância por uma determinação subsidiária, esta relação conteria então as raízes principais do impulso masoquista-sádico, em cuja composição múltipla estamos a adquirir uma visão gradual.

\*Trabalho Intelectual.\* - Finalmente, é evidente que a aplicação mental ou a concentração da atenção numa realização intelectual resultará, especialmente frequentemente em pessoas jovens, mas também em pessoas mais velhas, numa excitação sexual simultânea, que pode ser encarada como a única base justificada para a etiologia de outra forma tão duvidosa dos distúrbios nervosos resultantes do "excesso de trabalho" mental.

Se agora, para concluir, revisarmos as evidências e indicações das fontes da excitação sexual infantil, que não foram relatadas nem completa nem exaustivamente, poderemos estabelecer as seguintes leis gerais, conforme sugeridas ou estabelecidas. Parece ser providenciado da maneira mais generosa que o processo de excitação sexual - cuja natureza certamente permanece bastante misteriosa para nós - seja posto em movimento. O fator que faz esta disposição de forma mais ou menos direta é a excitação das superfícies sensíveis da pele e dos órgãos sensoriais, enquanto as influências excitantes mais imediatas são exercidas sobre certas partes que são designadas como zonas erógenas. O critério em todas essas fontes de excitação sexual é, na verdade, a qualidade dos estímulos, embora o fator de intensidade (na dor) não seja totalmente sem importância. Mas, além disso, existem arranjos no organismo que induzem a excitação sexual como uma ação subsidiária num grande número de processos internos, assim que a intensidade desses processos ultrapassa certos limites quantitativos. O que designamos como impulsos parciais da sexualidade ou deriva diretamente dessas fontes internas de excitação sexual ou é composto de contribuições dessas fontes e de zonas erógenas. É possível que nada de considerável importância ocorra no organismo que não contribua com seus

componentes para a excitação da pulsão sexual.

Parece-me atualmente impossível lançar mais luz e certeza sobre estas proposições gerais, e por isso responsabilizo dois fatores; em primeiro lugar, a novidade desta forma de investigação e, em segundo lugar, o fato de a natureza da excitação sexual nos ser totalmente desconhecida. No entanto, não deixarei de falar de dois pontos que prometem abrir amplas perspectivas no futuro.

*\*Constituições Sexuais Diversas.\**--(a) Consideramos acima a possibilidade de estabelecer o caráter múltiplo das constituições sexuais congênitas através da formação diversificada das zonas erógenas; podemos agora tentar fazer o mesmo ao lidar com as fontes indiretas da excitação sexual. Podemos supor que, embora estas diferentes fontes forneçam contribuições para todos os indivíduos, elas não são todas igualmente fortes em todas as pessoas; e que uma contribuição adicional para a diferenciação da constituição sexual diversa será encontrada nos desenvolvimentos preferidos das fontes individuais de excitação sexual.

*\*Os Caminhos das Influências Opostas.\**--(b) Como agora estamos abandonando o modo figurativo de expressão até então empregado, pelo qual falávamos de fontes de excitação sexual, podemos agora assumir que todos os caminhos de conexão que conduzem de outras funções à sexualidade também devem ser transitáveis na direção inversa. Por exemplo, se a zona labial, a posse comum de ambas as funções, é responsável pelo fato de a gratificação sexual ter origem durante a ingestão de alimentos, o mesmo fator oferece também uma explicação para as perturbações na ingestão de alimentos se as funções erógenas da zona

comum forem perturbadas. Assim que sabemos que a concentração da atenção pode produzir excitação sexual, é bastante natural supor que agindo no mesmo caminho, mas em sentido contrário, o estado de excitação sexual poderá influenciar a disponibilidade da atenção voluntária. Boa parte da sintomatologia das neuroses, que atribuo à perturbação dos processos sexuais, manifesta-se em perturbações de outras funções corporais não sexuais, e esta ação até então incompreensível torna-se menos misteriosa se representar apenas a contrapartida das influências que controlam a produção da excitação sexual.

Contudo, os mesmos caminhos pelos quais os distúrbios sexuais invadem as outras funções do corpo devem, na saúde, servir outra função importante. Deve ser através destes caminhos que se realiza a atração das forças motrizes sexuais para outros objetivos que não os sexuais, a sublimação da sexualidade. Devemos concluir admitindo que muito pouco se sabe definitivamente sobre os caminhos, além do fato de que eles existem, e que são provavelmente transitáveis em ambas as direções.

[1] Pois é realmente impossível ter um conhecimento correto da parte pertencente à hereditariedade sem primeiro compreender a parte pertencente ao infantil.

[2] Esta afirmação sobre a revisão pareceu-me tão ousada que decidi testar a sua exatidão revisando novamente a literatura. O resultado desta segunda revisão não justificou qualquer alteração na minha declaração original. A elaboração científica dos fenômenos físicos e psíquicos da sexualidade infantil ainda está em seus estágios iniciais. Um autor (S. Bell,

“A Preliminary Study of the Emotions of Love Between the Sexes”, *American Journal of Psychology*, XIII, 1902) diz: “Não conheço nenhum cientista que tenha feito uma análise cuidadosa da emoção tal como ela é vista no adolescente.” A única atenção dada às manifestações sexuais somáticas que ocorriam antes da idade da puberdade estava relacionada com as manifestações degenerativas, e estas eram referidas como um sinal de degeneração. Não se encontra um capítulo sobre a vida sexual das crianças em todas as psicologias representativas desta época que li. Dentre essas obras posso citar as seguintes: Preyer; Baldwin (*O Desenvolvimento da Mente na Criança e na Raça*, 1898); Pérez (*L'enfant de 3-7 anos*, 1894); Strümpel (*Die pädagogische Pathologie*, 1899); Karl Groos (*Das Seelenleben des Kindes*, 1904); Th. Heller (*Grundriss der Heilpädagogic*, 1904); Sully (*Observações sobre a infância*, 1897). A melhor impressão da situação atual desta esfera pode ser obtida na revista *Die Kinderfehler* (publicada desde 1896). Por outro lado, tem-se a impressão de que a existência do amor na infância não necessita de demonstração. Pérez (l.c.) fala por isso; K. Groos (*Die Spiele der Menschen*, 1899) afirma que algumas crianças são desde muito cedo sujeitas a emoções sexuais e mostram desejo de tocar o outro sexo (p. 336); S. Bell observou o primeiro aparecimento do amor sexual em uma criança durante a metade de seu terceiro ano. Veja também Havelock Ellis, *O Impulso Sexual*, Apêndice II.

O julgamento acima mencionado sobre a literatura da sexualidade infantil não é mais válido desde o aparecimento da grande e importante obra de G. Stanley Hall (*Adolescência, sua psicologia e sua relação com a fisiologia, a antropologia, a sociologia, o sexo, o crime, a religião e a educação*, 2 vols., Nova York, 1908). O recente livro de A. Moll, *Das Sexualleben des Kindes*,

Berlim, 1909, não oferece ocasião para tal modificação. Ver, por outro lado, Bleuler, *Sexuelle abnormitäten der Kinder* (Jahrbuch der Schweizerischen Gesellschaft für Schulgesundheitspflege, IX, 1908). Um livro da Sra. Hug-Hellmuth, *Aus dem Seelenleben des Kindes* (1913), levou plenamente em conta os fatores sexuais negligenciados. [Traduzido em série de monografias.]

[3] Tentei resolver os problemas apresentados pelas primeiras lembranças infantis em um artigo, "Über Deckerinnerungen" (Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie, VI, 1899). Cf. também *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, The Macmillan Co., Nova York, e Unwin, Londres.

[4] Não se pode compreender o mecanismo da repressão quando se leva em consideração apenas um dos dois processos cooperantes. Como comparação, podemos pensar na forma como o turista é despachado para o topo da grande pirâmide de Gizé; ele é empurrado de um lado e puxado do outro.

[5] O uso deste último material é justificado pelo fato de que os anos de infância daqueles que se tornam neuróticos posteriores não precisam necessariamente diferir daqueles que se tornam normais posteriormente, exceto em intensidade e clareza.

[6] Uma analogia anatômica ao comportamento da função sexual infantil formulada por mim é talvez dada por Bayer (*Deutsches Archiv für klinische Medizin*, Bd. 73), que afirma que os órgãos genitais internos (útero) são regularmente maiores nos recém-nascidos do que nas crianças mais velhas. Contudo, a concepção de Halban, de que após o nascimento há também uma involução das outras partes do aparelho sexual, não foi verificada.

Segundo Halban (Zeitschrift für Geburtshilfe u. Gynäkologie, LIII, 1904) esse processo de involução termina após algumas semanas de vida extrauterina.

[7] A expressão "período de latência sexual" (sexuelle latenz-periode) peguei emprestada de W. Fliess.

[8] No caso aqui discutido, a sublimação das forças motrizes sexuais procede no caminho das formações reacionárias. Mas, em geral, é necessário separar a sublimação e a formação reacional como dois processos diversos. A sublimação também pode resultar através de outros mecanismos mais simples.

[9] Jahrbuch für Kinderheilkunde, NF, XIV, 1879.

[10] Isto já mostra o que é verdade para toda a vida, a saber, que a gratificação sexual é o melhor hipnótico. A maioria das insônias nervosas é atribuída à falta de gratificação sexual. Também se sabe que enfermeiras inescrupulosas acalmam crianças que choram, acariciando seus órgãos genitais.

[11] Ellis estraga, no entanto, o sentido do termo que inventou ao incluir no fenômeno do autoerotismo toda a histeria e a masturbação em toda a sua extensão.

[12] Reflexões e observações adicionais me levam a atribuir a qualidade da erogenidade a todas as partes do corpo e órgãos internos. Veja mais tarde sobre narcismo.

[13] Compare aqui a literatura muito abrangente, mas confusa, sobre onanismo, por exemplo, Rohleder, Die Masturbation, 1899. Cf. também o

panfleto "Die Onanie", que contém a discussão da Sociedade Psicanalítica de Viena, Wiesbaden, 1912.

[14] Compare aqui o ensaio sobre "Charakter und Analerotic" no Sammlung kleiner Schriften zur Neurosenlehre, Zweite Folge, 1909. Cf. também Brill, Psicanálise, cap. XIII, Erotismo Anal e Caráter, W.B. Saunders, Filadélfia.

[15] Técnicas incomuns na execução do onanismo parecem apontar para a influência de uma proibição contra o onanismo que foi superada.

[16] Por que os neuróticos, quando a consciência está abalada, regularmente a associam à sua atividade onanística, como só recentemente foi reconhecido por Bleuler, é um problema que ainda aguarda uma análise exaustiva.

[17] Freud, Artigos selecionados sobre histeria e outras psiconeuroses, edição 3D, traduzido por A.A. Brill, NY Nerv. e Ment. Dis. Pub. Monografia de Doenças Nervosas e Mentais, Série No.

[18] Havelock Ellis, em um apêndice ao seu estudo sobre a pulsão sexual, 1903, fornece uma série de relatos autobiográficos de pessoas normais tratando seus primeiros sentimentos sexuais na infância e as causas dos mesmos. Esses relatos mostram naturalmente a deficiência devida à amnésia infantil; não abrangem o período pré-histórico da vida sexual e, portanto, devem ser complementados pela psicanálise de indivíduos que se tornaram neuróticos. Não obstante, estes relatórios são valiosos em mais de um aspecto, e informações de natureza semelhante incitaram-me a modificar a minha suposição etiológica, conforme mencionado no texto.

[19] As afirmações acima mencionadas sobre a sexualidade infantil foram justificadas em 1905, principalmente pelos resultados de investigações psicanalíticas em adultos. A observação direta da criança não pôde, naquele momento, ser utilizada em toda a sua extensão e resultou apenas em indicações individuais e confirmações valiosas. Desde então, tornou-se possível, através da análise de alguns casos de doenças nervosas na delicada idade da infância, obter uma compreensão direta da psicosexualidade infantil (Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen, Bd. 1, 2, 1909). Posso apontar com satisfação o fato de que a observação direta confirmou plenamente a conclusão tirada da psicanálise e, portanto, fornece boas evidências da confiabilidade deste último método de investigação.

Além disso, a "Análise de uma Fobia num Menino de Cinco Anos" (Jahrbuch, Bd. 1) nos ensinou algo novo para o qual a psicanálise não nos preparou, a saber, que o simbolismo sexual, a representação do sexual por objetos e relações não sexuais - remonta aos anos em que a criança está aprendendo a dominar a linguagem. Minha atenção também foi dirigida para uma deficiência na afirmação acima citada que, por uma questão de clareza, descreveu qualquer separação concebível entre as duas fases do autoerotismo e do amor objetal como uma separação temporal. A partir da análise citada (bem como do trabalho de Bell acima mencionado) aprendemos que crianças de três a cinco anos são capazes de evidenciar uma seleção objetal muito forte que é acompanhada por fortes afetos.

[20] Algumas pessoas podem lembrar-se de que o contato do ar em movimento durante o balanço lhes causava prazer sexual direto nos órgãos genitais.

[21] "Aqueles que se amam provocam uns aos outros."

[22] As análises dos distúrbios neuróticos do andar e da agorafobia eliminam todas as dúvidas quanto à natureza sexual do prazer do movimento. Como todos sabem, a educação cultural moderna utiliza em grande medida o desporto para afastar os jovens da atividade sexual; seria mais apropriado dizer que substitui o prazer sexual pelo prazer do movimento e força a atividade sexual a recuar sobre um de seus componentes auto-eróticos.

## 06. III. As transformações da puberdade

Terceiro ensaio: puberdade, primazia genital, objeto e desenvolvimento

Com o início da puberdade ocorrem mudanças que transformam a vida sexual infantil em sua forma definitivamente normal. Até agora a pulsão sexual tem sido preponderantemente autoerótica; agora encontra o objeto sexual. Até agora, manifestou-se em impulsos únicos e em zonas erógenas que buscam um certo prazer como alvo sexual único. Surge agora um novo alvo sexual, para cuja produção cooperam todos os impulsos parciais, enquanto as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital.[1] Como o novo alvo sexual atribui funções muito diferentes aos dois sexos, o seu desenvolvimento sexual agora se separa. O desenvolvimento sexual do homem é mais consistente e mais fácil de compreender, enquanto na mulher aparece até uma forma de regressão. A normalidade da vida sexual é garantida apenas pela concorrência exata das duas correntes dirigidas ao objeto sexual e ao alvo sexual. É como perfurar um túnel por lados opostos.

O novo alvo sexual do homem consiste na descarga dos produtos sexuais; não é contraditório com o antigo alvo sexual, o de obter prazer; pelo contrário, a maior quantidade de prazer está ligada a este ato final do processo sexual. A pulsão sexual entra agora a serviço da função de propagação; torna-se, por assim dizer, altruísta. Para que esta transformação tenha sucesso, o seu processo deve ser ajustado às disposições originais e a todas as peculiaridades dos impulsos.

Tal como em todas as outras ocasiões em que novas conexões e composições devem ser formadas em mecanismos complicados, também aqui existe a possibilidade de perturbação mórbida se a nova ordem das

coisas não se estabelecer. Todos os distúrbios mórbidos da vida sexual podem ser justamente considerados como inibições do desenvolvimento.

#### A PRIMAZIA DAS ZONAS GENITAIS E O PRAZER PRÉVIO

A partir do curso de desenvolvimento descrito, podemos ver claramente a questão e o objetivo final. As transições intermediárias ainda são bastante obscuras e nelas muitos enigmas terão de ser resolvidos.

O processo mais marcante da puberdade foi selecionado como o mais característico; é o crescimento manifesto dos órgãos genitais externos que mostrou uma relativa inibição do crescimento durante o período de latência da infância. Simultaneamente, os órgãos genitais internos desenvolvem-se a tal ponto que são capazes de fornecer produtos sexuais ou de recebê-los com o propósito de formar um novo ser vivo. Forma-se assim um aparelho muito complicado que espera ser reivindicado.

Este aparelho pode ser acionado por estímulos, e a observação ensina que os estímulos podem afetá-lo de três maneiras: do mundo exterior através das zonas erógenas familiares; do mundo orgânico interior por caminhos ainda a serem investigados; e da vida psíquica, que representa apenas um depósito de impressões externas e um receptáculo de excitações internas. O mesmo resultado se segue nos três casos, a saber, um estado que pode ser designado como “excitação sexual” e que se manifesta em sinais psíquicos e somáticos. O sinal psíquico consiste num sentimento peculiar de tensão de caráter muito urgente, e entre os múltiplos sinais somáticos destacam-se as muitas mudanças nos órgãos genitais. Eles têm um significado definido, o de prontidão; constituem uma preparação para o ato sexual (a ereção do pênis e a atividade glandular da vagina).

\*A Tensão Sexual\* - O caráter da tensão da excitação sexual está ligado a um problema cuja solução é tão difícil quanto importante para a concepção do processo sexual. Apesar de todas as divergências de opinião a respeito na psicologia, devo afirmar firmemente que um sentimento de tensão deve trazer consigo o caráter de desprazer. Para mim é conclusivo que tal sentimento carrega consigo o impulso de alterar a situação psíquica e atua de forma incitante, o que é bastante contrário à natureza do prazer percebido. Mas se atribuirmos a tensão da excitação sexual aos sentimentos de desprazer, encontraremos o fato de que ela é indubitavelmente percebida de forma prazerosa. A tensão produzida pela excitação sexual é acompanhada em toda parte pelo prazer; mesmo nas mudanças preparatórias dos órgãos genitais há uma nítida sensação de satisfação. Que relação existe entre esta tensão desagradável e esta sensação de prazer?

Tudo o que se relaciona com o problema do prazer e da dor toca um dos pontos mais fracos da psicologia atual. Tentaremos, se possível, aprender alguma coisa com as determinações do caso em questão e evitar invadir o problema como um todo. Vejamos primeiro a maneira como as zonas erógenas se ajustam à nova ordem das coisas. Um papel importante recai sobre eles na preparação da excitação sexual. O olho que está muito distante do objeto sexual está mais frequentemente em posição, durante as relações de cortejo objetual, de ser atraído por aquela qualidade particular de excitação, cujo motivo designamos como beleza no objeto sexual. As excelências do objeto sexual são, portanto, também chamadas de "atrações". Esta atração, por um lado, já está ligada ao prazer e, por outro lado, ou resulta num aumento da excitação sexual ou numa evocação da

mesma onde ainda falta. O efeito é o mesmo se a excitação de outra zona erógena, por exemplo, a mão que toca, for adicionada a ela. Há, por um lado, a sensação de prazer que logo se torna intensificada pelo prazer das mudanças preparatórias e, por outro lado, há um aumento adicional da tensão sexual que logo se transforma num sentimento de desprazer muito distinto, se não puder prosseguir para mais prazer. Outro caso talvez seja mais claro; tomemos, por exemplo, o caso em que uma zona erógena, como o seio de uma mulher, é excitada pelo toque numa pessoa que não está sexualmente excitada naquele momento. Este toque em si evoca uma sensação de prazer, mas também é mais bem adaptado para despertar a excitação sexual que exige ainda mais prazer. Como acontece que o prazer percebido evoca o desejo de um prazer maior, esse é o verdadeiro problema.

*\*Mecanismo de prazer prévio.\** - Mas o papel que cabe às zonas erógenas é claro. O que se aplica a um se aplica a todos. Todos são utilizados para proporcionar uma certa quantidade de prazer através de sua própria excitação, que aumenta a tensão e que, por sua vez, é destinada a produzir a energia motora necessária para levar a termo o ato sexual. A penúltima parte deste ato é novamente uma excitação adequada de uma zona erógena; isto é, a zona genital própria da glândula do pênis é excitada pelo objeto mais adequado para ela, a membrana mucosa da vagina, e através do prazer proporcionado por essa excitação produz agora reflexamente a energia motora que transporta à superfície a substância sexual. Este último prazer é mais elevado em sua intensidade e difere dos primeiros em seu mecanismo. É totalmente produzido através da descarga, é totalmente prazer de gratificação e a tensão da libido desaparece temporariamente

com ele.

Não me parece injustificado fixar pelo nome a distinção na natureza desses prazeres, um através da excitação das zonas erógenas e outro através da descarga da substância sexual. Em contraposição ao prazer final, ou prazer de gratificação da atividade sexual, podemos designar adequadamente o primeiro como prazer preliminar. O prazer preliminar é então o mesmo proporcionado pela pulsão sexual infantil, embora em escala reduzida; enquanto o prazer final é novo e provavelmente está ligado a determinações que aparecem pela primeira vez na puberdade. A fórmula para a nova função das zonas erógenas é a seguinte: elas são utilizadas com o propósito de tornar possível a produção do maior prazer de gratificação por meio do prazer preliminar que delas é obtido, como na vida infantil.

Recentemente, consegui elucidar outro exemplo, retirado de um domínio bastante diferente da vida psíquica, no qual, da mesma forma, uma maior sensação de prazer é alcançada por meio de uma menor sensação de prazer, que atua assim como um prêmio sedutor. Tivemos ali também a oportunidade de entrar mais profundamente na natureza do prazer.[2]

*\*Perigos do prazer preliminar.\** - No entanto, a conexão do prazer preliminar com a vida infantil é fortalecida pelo papel patogênico que pode recair sobre ele. No mecanismo através do qual o prazer preliminar é expresso existe um perigo óbvio para a realização do alvo sexual normal. Isso ocorre se houver muito prazer preliminar e pouca tensão em qualquer parte do processo sexual preparatório. A força motriz para a continuação do processo sexual escapa então, todo o caminho fica encurtado e a ação

preparatória em questão toma o lugar do alvo sexual normal. A experiência mostra que tal condição prejudicial é determinada pelo fato de a zona erógena em questão ou o impulso parcial correspondente já ter contribuído com uma quantidade incomum de prazer na vida infantil. Se forem acrescentados outros fatores que favorecem a fixação, resulta prontamente uma compulsão para a vida posterior, que impede o prazer preliminar de se organizar numa nova combinação. Na verdade, o mecanismo de muitas perversões é desta natureza; eles apenas representam um ato demorado de preparação do processo sexual.

O fracasso da função do mecanismo sexual por culpa do prazer preliminar é geralmente evitado se a primazia das zonas genitais também já tiver sido delineada na vida infantil. Os preparativos da segunda metade da infância (do oitavo ano à puberdade) parecem realmente favorecer isso. Durante estes anos as zonas genitais comportam-se quase como na idade adulta; são sede de sensações excitantes e de mudanças preparatórias caso algum tipo de prazer seja experimentado através da gratificação de outras zonas erógenas; embora este efeito permaneça sem objetivo, isto é, não contribui em nada para a continuação do processo sexual. Além do prazer da gratificação, uma certa tensão sexual aparece ainda na infância, embora seja menos constante e menos abundante. Podemos agora compreender também por que razão, na discussão das fontes da sexualidade, tivemos uma razão perfeitamente boa para dizer que o processo em questão funciona tanto como gratificação sexual como como excitação sexual. Notamos que, no nosso caminho para a verdade, a princípio exageramos enormemente as distinções entre a vida sexual infantil e a vida sexual madura e, portanto, complementamos o que foi dito com uma correção. As

manifestações infantis da sexualidade determinam não só os desvios da vida sexual normal, mas também as formações normais da mesma.

## O PROBLEMA DA EXCITAÇÃO SEXUAL

Permanece totalmente inexplicável de onde vem a tensão sexual que se origina simultaneamente com a gratificação das zonas erógenas e qual é a sua natureza. A suposição óbvia de que esta tensão se origina de alguma forma no próprio prazer não é apenas improvável em si mesma, mas também insustentável, na medida em que durante o maior prazer que está ligado ao esvaziamento da substância sexual não há produção de tensão, mas antes uma remoção de toda tensão. Conseqüentemente, o prazer e a tensão sexual só podem estar indiretamente conectados.

\*O papel da substância sexual.\* - Além do fato de que somente a descarga da substância sexual pode normalmente pôr fim à excitação sexual, existem outros fatos essenciais que colocam a tensão sexual em relação com os produtos sexuais. Numa vida de continência, a atividade sexual costuma descarregar a substância sexual à noite, durante alucinações oníricas prazerosas de um ato sexual, descarga essa que ocorre em intervalos variáveis, mas não inteiramente caprichosos; e a seguinte interpretação deste processo - a poluição noturna - dificilmente pode ser rejeitada, a saber, que a tensão sexual que provoca um substituto do ato sexual pela curta estrada alucinatória é uma função do sêmen acumulado nos reservatórios dos produtos sexuais. As experiências com a exaustão do mecanismo sexual falam pela mesma coisa. Onde não há estoque de sêmen, não só é impossível realizar o ato sexual, mas também há falta de excitabilidade nas zonas erógenas, cuja excitação adequada não pode

provocar prazer. Descobrimos assim, incidentalmente, que uma certa quantidade de tensão sexual é necessária para a excitabilidade das zonas erógenas.

Seríamos, portanto, forçados a assumir a suposição, que, se não me engano, é geralmente adotada, de que o acúmulo de substância sexual produz e mantém a tensão sexual. A pressão desses produtos nas paredes de seus receptáculos atua como um excitante no centro espinhal, cujo estado é então percebido pelos centros superiores que produzem então na consciência a sensação familiar de tensão. Se a excitação das zonas erógenas aumenta a tensão sexual, isso só pode ser devido ao fato de as zonas erógenas estarem ligadas a esses centros por conexões anatômicas previamente formadas. Ali aumentam o tom da excitação e, com tensão sexual suficiente, põem em movimento o ato sexual e, com tensão insuficiente, apenas estimulam a produção da substância sexual.

A fraqueza da teoria que se encontra adotada, por exemplo, na descrição do processo sexual feita por Krafft-Ebing, reside no fato de que ela foi formada para a atividade sexual do homem maduro e presta muito pouca atenção a três tipos de relações que também deveriam ter sido elucidadas. Referimo-nos às relações encontradas na criança, na mulher e no homem castrado. Em nenhum dos três casos podemos falar de uma acumulação de produtos sexuais no mesmo sentido que no homem, o que naturalmente torna difícil a aplicação geral deste esquema; ainda assim, pode-se admitir sem mais delongas que podem ser encontradas maneiras de justificar a subordinação até mesmo desses casos. No entanto, deve-se ter cautela ao não sobrecarregar o fator de acumulação de produtos sexuais com ações que ele parece incapaz de apoiar.

\*Superestimação dos genitais internos.\* - Que a excitação sexual pode ser independente, em grande medida, da produção de substância sexual parece ser demonstrada por observações em homens castrados, nos quais a libido às vezes escapa ao dano causado pela operação, embora o comportamento oposto, que é realmente o motivo da operação, seja geralmente a regra. Portanto, não é de todo surpreendente, como afirma C. Rieger, que a perda das glândulas germinativas masculinas na idade madura não exerça nenhuma nova influência na vida psíquica do indivíduo. As glândulas germinativas não são realmente a sexualidade, e a experiência com machos castrados apenas confirma o que já havíamos aprendido muito antes com a remoção dos ovários, ou seja, que é impossível eliminar o caráter sexual removendo as glândulas germinativas. Na verdade, a castração realizada em tenra idade, antes da puberdade, aproxima-se mais deste objetivo, mas parece que neste caso, além da perda das glândulas sexuais, devemos também considerar a inibição do desenvolvimento e outros fatores que estão ligados a essa perda.

\*Teorias Químicas.\* - A verdade permanece, porém, que somos incapazes de fornecer qualquer informação sobre a natureza da excitação sexual porque não sabemos a que órgão ou órgãos a sexualidade está ligada, uma vez que vimos que as glândulas sexuais foram superestimadas neste significado. Dado que descobertas surpreendentes nos ensinaram o importante papel da glândula tiróide na sexualidade, podemos presumir que o conhecimento dos fatores essenciais da sexualidade ainda nos é negado. Aquele que sente a necessidade de preencher a grande lacuna do nosso conhecimento com uma suposição preliminar pode formular para si mesmo a seguinte teoria baseada nas substâncias ativas encontradas na

tiróide. Através da excitação apropriada das zonas erógenas, bem como através de outras condições sob as quais a excitação sexual se origina, desintegra-se um material que está universalmente distribuído no organismo, cujos produtos em decomposição fornecem um estímulo específico aos órgãos de reprodução ou ao centro espinhal a eles ligado. Já estamos familiarizados com essa transformação de um estímulo tóxico em um estímulo orgânico específico, proveniente de outros produtos tóxicos introduzidos externamente no corpo. Tratar, mesmo que apenas hipoteticamente, as complexidades do puro tóxico e dos estímulos fisiológicos que resultam nos processos sexuais não é agora a nossa tarefa apropriada. Na verdade, não atribuo qualquer valor a esta suposição especial e estarei pronto a abandoná-la em favor de outra, desde que o seu caráter original, a ênfase na química sexual, seja preservado. Pois esta declaração aparentemente arbitrária é apoiada por um fato que, embora pouco levado em conta, é muito digno de nota. As neuroses que só podem ser atribuídas a distúrbios da vida sexual mostram a maior semelhança clínica com os fenômenos de intoxicação e abstinência que resultam da introdução habitual de substâncias venenosas produtoras de prazer (alcalóides).

## A TEORIA DA LIBIDO

Estas suposições relativas à base química da excitação sexual estão em plena consonância com a concepção auxiliar que formamos com o propósito de dominar as manifestações psíquicas da vida sexual. Definimos o conceito de libido como o de uma força de quantidade variável que tem a capacidade de medir processos e transformações nas esferas da excitação sexual. Distinguímos esta libido da energia que deve ser geralmente

atribuída aos processos psíquicos com referência à sua origem especial e, portanto, atribuímos-lhe também um caráter qualitativo. Ao separar a energia libidinosa de outras energias psíquicas, expressamos a suposição de que os processos sexuais do organismo são diferenciados dos processos nutricionais através de uma química especial. As análises das perversões e das psiconeuroses nos ensinaram que essa excitação sexual é fornecida não apenas pelas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo. Formulamos assim para nós mesmos o conceito de uma libido-quântica cujo representante psíquico designamos como libido do ego; a produção, aumento, distribuição e deslocamento desta libido do ego oferecerão a explicação possível para os fenômenos psicosexuais observados.

Mas essa libido do ego só se torna convenientemente acessível ao estudo psicanalítico quando a energia psíquica é empregada em objetos sexuais, ou seja, quando se torna libido objetal. Vemos então que ele se concentra e se fixa nos objetos, ou quando abandona esses objetos e passa para outros, de cujas posições dirige a atividade sexual do indivíduo, ou seja, leva à extinção parcial e temporária da libido. A psicanálise das chamadas neuroses de transferência (histeria e neurose compulsiva) nos oferece aqui uma visão confiável.

No que diz respeito ao destino da libido objetal, afirmamos também que ela é retirada do objeto, que é preservada flutuando em estados especiais de tensão e é finalmente levada de volta ao ego, de modo que novamente se torna ego-libido. Em contraste com a libido objetal, também chamamos a libido do ego de libido narcisista. A partir da psicanálise, olhamos para além da fronteira que não nos é permitido ultrapassar na atividade da

libido narcísica e assim formamos uma ideia das relações entre as duas. A libido narcísica ou ego-libido aparece-nos como o grande reservatório do qual a energia para o investimento do objeto é enviada e para a qual é novamente atraída, enquanto o investimento narcísico da libido do ego aparece-nos como o estado primitivo realizado na primeira infância, que só se torna oculto pelas emissões posteriores da libido, e é retido no fundo, por trás delas.

A tarefa de uma teoria da libido dos distúrbios neuróticos e psicóticos teria por objeto expressar, em termos da economia da libido, todos os fenômenos observados e processos revelados. É fácil adivinhar que o maior significado seria atribuído aos destinos da libido do ego, especialmente quando se trataria da questão de explicar os distúrbios psicóticos mais profundos. A dificuldade reside então no fato de que o meio de nossa investigação, a psicanálise, atualmente nos dá informações definidas apenas sobre a transformação da libido objetual, mas não pode distinguir sem um estudo mais aprofundado a libido do ego das outras energias efetivas no ego.[3]

## DIFERENCIAÇÃO ENTRE HOMEM E MULHER

Sabe-se que a acentuada diferenciação do caráter masculino e feminino tem origem na puberdade, e é a diferença resultante que, mais do que qualquer outro fator, influencia decisivamente o desenvolvimento posterior da personalidade. Na verdade, as disposições masculina e feminina são facilmente reconhecíveis mesmo na vida infantil; assim, o desenvolvimento de inibições sexuais (vergonha, aversão, simpatia, etc.) ocorre mais cedo e com menos resistência na menina do que no menino. A tendência à

repressão sexual certamente parece muito maior, e onde são notados impulsos parciais de sexualidade, eles mostram uma preferência pela forma passiva. Mas, a atividade autoerótica das zonas erógenas é a mesma em ambos os sexos, e é esta concordância que elimina a possibilidade de uma diferenciação sexual na infância tal como aparece após a puberdade. No que diz respeito às manifestações sexuais auto-eróticas e masturbatórias, pode-se afirmar que a sexualidade da menina tem um caráter inteiramente masculino. Na verdade, se pudéssemos dar um conteúdo mais definido aos termos “masculino e feminino”, poderíamos avançar a opinião de que a libido é regular e legalmente de natureza masculina, seja no homem ou na mulher; e se considerarmos o seu objeto, este pode ser o homem ou a mulher.[4]

Desde que tomei conhecimento do aspecto da bissexualidade considero este fator aqui decisivo, e acredito que sem levar em conta o fator da bissexualidade dificilmente será possível compreender as manifestações sexuais efectivamente observadas no homem e na mulher.

\*As zonas principais no homem e na mulher.\* - Além disso, só posso acrescentar o seguinte. A principal zona erógena na criança do sexo feminino é o clitóris, que é homólogo ao pênis masculino. Tudo o que pude descobrir a respeito da masturbação nas meninas dizia respeito ao clitóris e não aos outros órgãos genitais externos que são tão importantes para as funções sexuais posteriores. Com poucas exceções, eu mesmo duvido que a criança do sexo feminino possa ser seduzida a qualquer coisa que não seja a masturbação do clitóris. As frequentes descargas espontâneas de excitação sexual nas meninas manifestam-se numa contração do clitóris, e suas freqüentes ereções permitem à menina compreender corretamente,

mesmo sem qualquer instrução, as manifestações sexuais do outro sexo; simplesmente transferem para os meninos as sensações de seus próprios processos sexuais.

Se alguém quiser compreender como a menina se torna mulher, deverá acompanhar os destinos posteriores dessa excitação do clitóris. A puberdade, que traz ao menino um grande avanço da libido, caracteriza-se na menina por uma nova onda de repressão que diz respeito especialmente à sexualidade do clitóris. É uma parte da vida sexual masculina que afunda na repressão. O reforço das inibições sexuais produzidas na mulher pela repressão da puberdade provoca um estímulo na libido do homem e obriga-o a aumentar a sua capacidade; com o auge da libido aumenta a superestimação do sexual, que só pode estar presente com toda a força quando a mulher recusa e nega sua sexualidade. Se o ato sexual é finalmente submetido e o clitóris fica excitado, seu papel é então conduzir a excitação às partes femininas adjacentes, e nisso ele age como uma lasca de madeira de pinheiro que é utilizada para atear fogo à madeira mais dura. Muitas vezes leva algum tempo para que esta transferência seja realizada; durante o qual a jovem esposa permanece anestesiada. Esta anestesia pode tornar-se permanente se a zona do clitóris se recusar a abandonar a sua excitabilidade; uma condição provocada por atividades abundantes na vida infantil. Sabe-se que a anestesia na mulher muitas vezes é apenas aparente e local. Eles são anestésicos na entrada vaginal, mas não são de todo inexcitáveis através do clitóris ou mesmo através de outras zonas. Além dessas causas erógenas da anestesia, existem também causas psíquicas igualmente determinadas pela repressão.

Se a transferência da excitabilidade erógena do clitóris para a vagina tiver sido bem sucedida, a mulher terá mudado a sua zona principal para a futura atividade sexual; o homem, por outro lado, mantém o seu desde a infância. Os principais determinantes da preferência da mulher pelas neuroses, especialmente pela histeria, residem nesta mudança da zona condutora, bem como na repressão da puberdade. Esses determinantes estão, portanto, mais intimamente ligados à natureza da feminilidade.

### THE OBJECT-FINDING

Enquanto a primazia das zonas genitais está sendo estabelecida através dos processos da puberdade, e o pênis ereto no homem aponta imperiosamente para o novo alvo sexual, isto é, para a penetração de uma cavidade que excita a zona genital, a descoberta do objeto, para a qual também foram feitos preparativos desde a primeira infância, consuma-se no lado psíquico. Embora as gratificações sexuais muito incipientes ainda estejam ligadas à ingestão de alimentos, a pulsão sexual tem um objeto sexual fora do seu próprio corpo, no seio da mãe. Ela perde esse objeto mais tarde, talvez no exato momento em que se torna possível à criança formar uma imagem geral da pessoa a quem pertence o órgão que lhe concede a gratificação. Mais tarde, a pulsão sexual torna-se regularmente auto-erótico, e somente depois de superado o período de latência é que há uma retomada da relação original. Não é sem razão que a amamentação da criança no seio da mãe se tornou um modelo para todo amor. A descoberta do objeto é realmente uma reencontração.[5]

\*O objeto sexual do Período de Amamentação.\*--No entanto, mesmo após a separação da atividade sexual da alimentação, ainda resta desta primeira e

mais importante de todas as relações sexuais uma parte importante, que prepara a seleção do objeto e auxilia no restabelecimento da felicidade perdida. Durante todo o período de latência a criança aprende a amar outras pessoas que a ajudam no seu desamparo e satisfazem as suas necessidades; tudo isso segue o modelo e é uma continuação das relações infantis da criança com sua ama de leite. Talvez se possa hesitar em identificar os sentimentos ternos e a estima da criança pelos seus pais adotivos com o amor sexual; Acredito, contudo, que uma investigação psicológica mais aprofundada estabelecerá esta identidade sem qualquer dúvida. A relação sexual entre a criança e os seus pais adotivos é para a primeira uma fonte inesgotável de excitação sexual e de gratificação das zonas erógenas, especialmente porque os pais - ou em regra a mãe - fornecem à criança sentimentos que se originam da sua própria vida sexual; ela dá um tapinha nele, beija-o e balança-o, claramente tomando-o como um substituto para um objeto sexual de valor total.[6] A mãe provavelmente ficaria aterrorizada se lhe explicassem que toda a sua ternura desperta a pulsão sexual do filho e prepara a sua intensidade futura. Ela considera suas ações como amor assexuadamente "puro", pois evita cuidadosamente causar mais irritação aos órgãos genitais da criança do que o indispensável para cuidar do corpo. Mas, como sabemos, a pulsão sexual não é despertado apenas pela excitação das zonas genitais. O que chamamos de ternura certamente manifestará algum dia sua influência também nas zonas genitais. Se a mãe compreendesse melhor o elevado significado da pulsão sexual para toda a vida psíquica e para todas as atividades éticas e psíquicas, a iluminação a pouparia de todas as censuras. Ao ensinar a criança a amar ela apenas cumpre a sua função; pois a criança deve tornar-se um homem apto, com necessidades sexuais

energéticas, e realizar na vida tudo o que o impulso impele o homem a fazer. É claro que muita ternura parental torna-se prejudicial porque acelera a maturidade sexual e também porque “estraga” a criança e a torna incapaz de renunciar temporariamente ao amor ou de se satisfazer com uma quantidade menor de amor mais tarde na vida. Uma das premonições mais seguras do nervosismo posterior é o fato de a criança se mostrar insaciável nas suas exigências de ternura parental; por outro lado, os pais neuropatas, que costumam demonstrar uma ternura sem limites, muitas vezes com suas carícias despertam na criança uma disposição para doenças neuróticas. Este exemplo mostra pelo menos que os pais neuropatas têm meios mais próximos do que a herança, através dos quais podem transferir os seus distúrbios para os filhos.

*\*Medo Infantil.\** - As próprias crianças se comportam desde a primeira infância como se seu apego aos pais adotivos fosse da natureza do amor sexual. O medo dos filhos originalmente nada mais é do que uma expressão do fato de sentirem falta da pessoa amada. Eles, portanto, enfrentam todo estranho com medo, têm medo do escuro porque não conseguem ver a pessoa amada e ficam acalmados se puderem segurar a mão dessa pessoa. O efeito dos medos infantis e das histórias aterrorizantes contadas pelas enfermeiras é superestimado se culparmos estas últimas por produzirem o medo nas crianças. As crianças predispostas ao medo absorvem essas histórias, que não causam qualquer impressão nos outros; e apenas essas crianças estão predispostas ao medo, cuja pulsão sexual é excessivo ou desenvolvido prematuramente, ou se tornou exigente através de mimos. A criança comporta-se aqui como o adulto, isto é, transforma a sua libido em medo quando não consegue levá-la à gratificação, e o adulto que se torna

neurótico devido à libido insatisfeita comporta-se na sua ansiedade como uma criança; ele teme quando está sozinho, isto é, sem uma pessoa de cujo amor ele se acredita seguro e que possa acalmar seus medos por meio das medidas mais infantis.

*\*Barreiras do Incesto.\** - Se a ternura dos pais pela criança felizmente não conseguiu despertar a pulsão sexual da criança prematuramente, isto é, antes que as determinações físicas para a puberdade apareçam, e se esse despertar não foi tão longe a ponto de causar uma irrupção inequívoca da excitação psíquica no sistema genital, ele pode então cumprir sua tarefa e direcionar a criança na idade de maturidade na seleção do objeto sexual. Seria, naturalmente, mais natural que a criança selecionasse como objeto sexual aquela pessoa que ela amou desde a infância com, por assim dizer, uma libido suprimida.[8] Mas, devido ao atraso da maturidade sexual, foi ganho tempo para a ereção, ao lado das inibições sexuais da barreira do incesto, aquela prescrição moral que exclui explicitamente da seleção do objeto a pessoa amada na infância ou a relação sanguínea. A observância desta barreira é sobretudo uma exigência da sociedade cultural, que deve precaver-se contra a absorção pela família dos interesses de que necessita para a produção de unidades sociais superiores. A sociedade, portanto, utiliza todos os meios para afrouxar os laços familiares em cada indivíduo, especialmente no menino, que têm autoridade apenas na infância.[9]

A seleção do objeto, contudo, é primeiramente realizada na imaginação, e a vida sexual do jovem em fase de amadurecimento dificilmente tem qualquer escapatória, exceto a indulgência em fantasias ou ideias que não estão destinadas a serem executadas. Nas fantasias de todas as pessoas reaparecem as inclinações infantis, agora reforçadas pela ênfase somática,

e entre elas encontra-se com frequência regular e em primeiro lugar o sentimento sexual da criança pelos pais. Isso geralmente já foi diferenciado pela atração sexual, a atração do filho pela mãe e da filha pelo pai.[10] Simultaneamente à superação e à rejeição dessas fantasias claramente incestuosas, ocorre uma das mais importantes e também uma das mais dolorosas conquistas psíquicas da puberdade; é o rompimento com a autoridade parental, o único através do qual se forma aquela oposição entre as novas e as velhas gerações que é tão importante para o progresso cultural. Muitas pessoas são detidas em cada uma das estações durante o desenvolvimento pelas quais o indivíduo deve passar; e, portanto, há pessoas que nunca superam a autoridade parental e nunca, ou de forma muito imperfeita, retiram a afeição dos pais. São na sua maioria raparigas que, para alegria dos seus pais, mantêm o seu amor infantil pleno muito para além da puberdade, e é instrutivo descobrir que na sua vida de casadas estas raparigas são incapazes de cumprir os seus deveres para com os seus maridos. Eles são esposas frias e permanecem sexualmente anestésicos. Isto mostra que o amor aparentemente não sexual pelos pais e o amor sexual se alimentam da mesma fonte, isto é, que o primeiro corresponde apenas a uma fixação infantil da libido.

Quanto mais nos aproximamos das perturbações mais profundas do desenvolvimento psicosexual, mais facilmente poderemos reconhecer o significado evidente da seleção incestuosa do objeto. Como resultado da rejeição sexual permanece no inconsciente do psiconeurótico uma grande parte ou a totalidade da atividade psicosexual para encontrar o objeto. As meninas com uma necessidade excessiva de afeto e um igual horror às exigências reais da vida sexual experimentam uma tentação incontrolável,

por um lado, de realizar na vida o ideal do amor assexuado e, por outro lado, de esconder a sua libido sob um afeto que podem manifestar sem auto-censura; fazem isso apegando-se durante toda a vida à atração infantil pelos pais, irmãos ou irmãs, que foi reprimida na puberdade. Com a ajuda dos sintomas e de outras manifestações mórbidas, a psicanálise pode rastrear seus pensamentos inconscientes e traduzi-los para o consciente, e assim mostrar facilmente a essas pessoas que estão apaixonadas por suas relações consanguíneas no sentido popular do termo. Da mesma forma, quando uma pessoa outrora saudável adoece após um caso amoroso infeliz, o mecanismo da doença pode ser claramente explicado como um retorno da sua libido às pessoas preferidas na sua infância.

\*Os efeitos posteriores da seleção de objetos infantis.\* - Mesmo aqueles que escaparam alegremente da fixação incestuosa de sua libido não escaparam completamente de sua influência. É um eco distinto desta fase de desenvolvimento que o primeiro amor sério do jovem seja muitas vezes por uma mulher madura e o da menina por um homem mais velho equipado com autoridade - isto é, por pessoas que possam reviver neles a imagem da mãe e do pai. De modo geral, a seleção de objetos ocorre inquestionavelmente seguindo mais livremente esses protótipos. O homem busca acima de tudo a imagem da memória de sua mãe tal como ela o dominou desde o início da infância; isso é bastante consistente com o fato de que a mãe, se ainda viva, luta contra isso, sua renovação, e a enfrenta com hostilidade. Em vista desta importância da relação infantil com os pais para a seleção posterior do objeto sexual, é fácil compreender que cada perturbação desta relação infantil traz à tona os resultados mais sérios para a vida sexual após a puberdade. Também ao ciúme do amante nunca

faltam as fontes infantis ou pelo menos o reforço infantil. As brigas entre os pais e as relações conjugais infelizes entre eles determinam as mais severas predisposições para o desenvolvimento sexual perturbado ou doenças neuróticas nos filhos.

O desejo infantil pelos pais é, sem dúvida, o mais importante, mas não o único traço reavivado na puberdade que aponta o caminho para a seleção objetal. Outras disposições da mesma origem permitem ao homem, ainda amparado na infância, desenvolver mais de uma única série sexual e formar diferentes determinações para a seleção objetal.[11]

*\*Prevenção da Inversão.\**--Uma das tarefas impostas na seleção do objeto consiste em não perder o sexo oposto. Isto, como sabemos, não se resolve sem alguma dificuldade. Os primeiros sentimentos após a puberdade muitas vezes se perdem, embora não com qualquer lesão permanente. Dessoir chamou a atenção para a normalidade das amizades entusiásticas formadas por meninos e meninas com o mesmo sexo. A maior força que protege contra uma inversão permanente do objeto sexual é certamente a atração exercida entre si pelos personagens do sexo oposto. Para isso não podemos dar nenhuma explicação em conexão com esta discussão. Este fator, contudo, não é suficiente por si só para excluir a inversão; além disso, há certamente muitos outros fatores de apoio. Acima de tudo, existe a inibição autoritária da sociedade; a experiência mostra que quando a inversão não é considerada crime, corresponde plenamente às inclinações sexuais de muitas pessoas. Além disso, pode-se supor que, no homem, as lembranças infantis da ternura da mãe, bem como as de outras mulheres que cuidaram dele quando criança, ajudam energicamente a direcionar sua seleção para a mulher, enquanto a intimidação sexual precoce

experimentada através do pai e a atitude de rivalidade existente entre eles desviam o menino do mesmo sexo. Ambos os fatores também são válidos no caso da rapariga cuja atividade sexual está sob os cuidados especiais da mãe. Isto resulta numa relação hostil com o mesmo sexo que influencia decisivamente a seleção do objeto no sentido normal. A educação dos meninos por homens (escravos na antiguidade) parece favorecer a homossexualidade; a frequência da inversão na nobreza atual é provavelmente explicada pelo emprego de servos do sexo masculino e pelos escassos cuidados que as mães dessa classe dão aos seus filhos. Acontece em algumas históricas que um dos progenitores desapareceu (por morte, divórcio ou afastamento), permitindo assim que o progenitor restante absorvesse todo o amor do filho, e desta forma estabelecendo as determinações para o sexo da pessoa a ser posteriormente escolhida como objeto sexual; assim, uma inversão permanente é possível.

## SUMMARY

Agora é hora de tentar um resumo. Partimos das aberrações da pulsão sexual em relação ao seu objeto e objetivo e nos deparamos com a questão de saber se estas se originam de uma predisposição congênita ou se são adquiridas em consequência de influências da vida. A resposta a esta questão foi alcançada através do exame das relações da vida sexual dos psiconeuróticos, um grupo numeroso e não muito distante do normal. Esse exame foi feito por meio de investigações psicanalíticas. Descobrimos assim que uma tendência a todas as perversões pode ser demonstrada nessas pessoas na forma de forças inconscientes que se revelam como criadoras de sintomas e poderíamos dizer que a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão. Em vista da agora reconhecida grande difusão de

tendências à perversão, impôs-se-nos a ideia de que a disposição para as perversões é a disposição primitiva e universal da pulsão sexual humano, a partir da qual o comportamento sexual normal se desenvolve em consequência de mudanças orgânicas e inibições psíquicas no curso da maturidade. Esperávamos poder demonstrar a disposição original da vida infantil; entre as forças que restringem a direção da pulsão sexual mencionamos a vergonha, a aversão e a simpatia, e as construções sociais da moralidade e da autoridade. Fomos, portanto, forçados a perceber em cada aberração fixa da vida sexual normal um fragmento de desenvolvimento inibido e de infantilismo. O significado das variações das disposições originais teve que ser colocado em primeiro plano, mas entre elas e as influências da vida tivemos que assumir uma relação de cooperação e não de oposição. Por outro lado, como a disposição original deve ter sido complexa, a própria pulsão sexual nos apareceu como algo composto de muitos fatores, que nas perversões se separa, por assim dizer, em seus componentes. As perversões revelam-se assim, por um lado, inibições e, por outro, dissociações do desenvolvimento normal. Ambas as concepções uniram-se na suposição de que a pulsão sexual do adulto, devido à composição dos diversos sentimentos da vida infantil, tornou-se formado em uma unidade, um esforço, com um único objetivo.

Também acrescentamos uma explicação para a preponderância de tendências perversivas nos psiconeuróticos, reconhecendo nessas tendências preenchimentos colaterais de ramos laterais causados pelo deslocamento do leito principal do rio através da repressão, e então voltamos nosso exame para a vida sexual do período infantil.[12] Achamos lamentável que a existência de uma vida sexual na infância tenha sido

contestada e que as manifestações sexuais frequentemente observadas em crianças tenham sido descritas como ocorrências anormais. Pareceu-nos antes que a criança traz consigo para o mundo os germes da atividade sexual e que, mesmo enquanto se alimenta, ela também desfruta de uma gratificação sexual que procura novamente obter para si mesma através da atividade familiar de “chupar o dedo”. A atividade sexual da criança, contudo, não se desenvolve na mesma medida que as suas outras funções, mas funde-se primeiro no chamado período de latência, dos três aos cinco anos de idade. A produção de excitação sexual não cessa de forma alguma neste período, mas continua e fornece um estoque de energia, a maior parte da qual é utilizada para outros fins que não os sexuais; nomeadamente, por um lado, para a entrega de componentes sexuais aos sentimentos sociais, e por outro lado (através da repressão e da formação de reação) para a construção das futuras barreiras sexuais. Conseqüentemente, as forças destinadas a manter a pulsão sexual em determinados aspectos são construídas na infância, às custas da maior parte dos sentimentos sexuais perversos e com a ajuda da educação. Outra parte das manifestações sexuais infantis escapa a esta utilização e pode manifestar-se como atividade sexual. Pode-se então descobrir que a excitação sexual da criança flui de diversas fontes. Acima de tudo, as gratificações originam-se através da excitação sensível adaptada das chamadas zonas erógenas. Para estes provavelmente qualquer região da pele ou órgão sensorial pode servir; mas existem certas zonas erógenas distintas, cuja excitação por certos mecanismos orgânicos é assegurada desde o início. Além disso, a excitação sexual origina-se no organismo, por assim dizer, como subproduto de um grande número de processos, assim que atingem uma certa intensidade; isso ocorre especialmente em todas as

excitações emocionais fortes, mesmo que sejam de natureza dolorosa. As excitações de todas essas fontes ainda não se unem, mas perseguem seu objetivo individualmente - esse objetivo consiste apenas na obtenção de um certo prazer. A pulsão sexual da infância é, portanto, sem objeto ou auto-erótico.

Ainda durante a infância, a zona erógena dos genitais começa a tornar-se perceptível, seja pelo fato de, como qualquer outra zona erógena, fornecer gratificação através de um estímulo sensível adequado, seja porque, de alguma forma incompreensível, a gratificação de outras fontes causa ao mesmo tempo a excitação sexual que tem uma ligação especial com a zona genital. Encontramos motivos para lamentar que não tenha sido alcançada uma explicação suficiente das relações entre a gratificação sexual e a excitação sexual, bem como entre a atividade da zona genital e as restantes fontes de sexualidade.

Não fomos capazes de afirmar que quantidade de atividade sexual na infância poderia ser considerada normal a ponto de ser incapaz de um maior desenvolvimento. O caráter da manifestação sexual mostrou-se preponderantemente masturbatório. Verificamos, aliás, pela experiência, a crença de que as influências externas da sedução podem produzir rupturas prematuras do período de latência que conduzem à supressão do mesmo, e que a pulsão sexual da criança se mostra realmente polimorfo-perverso; além disso, que cada atividade sexual prematura prejudica a educabilidade da criança.

Apesar da incompletude dos nossos exames da vida sexual infantil, fomos posteriormente forçados a tentar estudar as graves mudanças produzidas

pelo aparecimento da puberdade. Selecionamos dois critérios iguais, a saber, a subordinação de todas as outras fontes da sensação sexual à primazia das zonas genitais e o processo de descoberta do objeto. Ambos já são desenvolvidos na infância. A primeira é realizada através do mecanismo de utilização do prazer preliminar, por meio do qual todos os outros atos sexuais independentes, ligados ao prazer e à excitação, tornam-se atos preparatórios para o novo alvo sexual, a anulação dos produtos sexuais, cuja realização, sob enorme prazer, põe fim à sensação sexual. Ao mesmo tempo, tivemos de considerar a diferenciação da natureza sexual do homem e da mulher, e descobrimos que, para se tornar mulher, é necessária uma nova repressão que abole uma parte da masculinidade infantil e prepare a mulher para a mudança das principais zonas genitais. Por último, encontramos a seleção de objetos, acompanhando-a desde a infância até o seu renascimento na puberdade; também encontramos indícios de inclinações sexuais por parte da criança para os pais e pais adotivos, que, no entanto, foram afastados dessas pessoas para outras semelhantes a elas pelas barreiras de incesto entretanto erguidas. Acrescentemos finalmente que durante o período de transição da puberdade os processos de desenvolvimento somático e psíquico prosseguem lado a lado, mas separadamente, até que, com a irrupção de um intenso estímulo psíquico de amor para a inervação dos genitais, se estabeleça a unificação normalmente exigida da função erótica.

\*Os fatores que perturbam o desenvolvimento.\* - Como já demonstrámos através de diferentes exemplos, cada passo neste longo caminho de desenvolvimento pode tornar-se um ponto de fixação e cada articulação nesta estrutura complicada pode proporcionar oportunidade para uma

dissociação da pulsão sexual. Resta-nos ainda rever os vários fatores internos e externos que perturbam o desenvolvimento, e mencionar a parte do mecanismo afectada pela perturbação que deles emana. Os fatores que aqui mencionamos numa série não podem, é claro, ser todos em si mesmos de igual validade e devemos esperar encontrar dificuldades na atribuição aos fatores individuais da sua devida importância.

*\*Constituição e Hereditariedade.\** - Em primeiro lugar, devemos mencionar aqui a variação congênita da constituição sexual, sobre a qual provavelmente recai o maior peso, mas cuja existência, como pode ser facilmente compreendido, só pode ser estabelecida através de suas manifestações posteriores e mesmo assim nem sempre com grande certeza. Entendemos por isso a preponderância de uma ou outra das múltiplas fontes da excitação sexual, e acreditamos que tal diferença de disposição deve sempre expressar-se no resultado final, mesmo que permaneça dentro dos limites normais. É claro que também podemos imaginar certas variações da disposição original que, mesmo sem ajuda adicional, devem necessariamente levar à formação de uma vida sexual anormal. Pode-se chamá-los de “degenerativos” e considerá-los como uma expressão de deterioração hereditária. Neste contexto, devo relatar um fato notável. Em mais de metade dos casos graves de histeria, neuroses compulsivas, etc., que tratei através de psicoterapia, consegui demonstrar positivamente que os seus pais sofreram um ataque de sífilis antes do casamento; eles sofreram de tabes ou paresia geral, ou houve uma história definida de lues. Acrescento expressamente que as crianças que mais tarde se tornaram neuróticas não mostraram absolutamente nenhum sinal de sintomas hereditários, de modo que a constituição sexual anormal deveria

ser considerada como o último rebento da hereditariedade luética. Na medida em que agora me passa pela cabeça considerar a descendência de pais sífilíticos como uma determinação etiológica regular e indispensável da constituição neuropática, afirmo, no entanto, que a coincidência por mim observada não é acidental e não é desprovida de significado.

As relações hereditárias dos pervertidos positivos não são tão conhecidas porque sabem evitar a investigação. Ainda há razões para acreditar que o mesmo se aplica às perversões e às neuroses. Muitas vezes encontramos perversões e psiconeuroses nos diferentes sexos de uma mesma família, distribuídas de tal forma que o membro masculino, ou um deles, é um pervertido positivo, enquanto as mulheres, seguindo as tendências repressivas do seu sexo, são pervertidas negativas ou histéricas. Este é um bom exemplo das relações substanciais entre as duas perturbações que descobri.

\*Elaboração Adicional.\* - Não se pode, contudo, sustentar que a estrutura da vida sexual seja finalmente completada pela adição dos diversos componentes da constituição sexual. Pelo contrário, as qualificações continuam a aparecer e surgem novas possibilidades, dependendo do destino vivido pelas correntes sexuais originadas nas fontes individuais. Esta elaboração adicional é evidentemente a final e decisiva, enquanto a constituição descrita como uniforme pode levar a três questões finais. Se todas as disposições consideradas anormais mantiverem a sua proporção relativa e forem fortalecidas com a maturidade, o resultado final só poderá ser uma vida sexual perversa. A análise de tais disposições constituídas anormalmente ainda não foi completamente realizada, mas já conhecemos casos que podem ser facilmente explicados à luz destas teorias. Os autores

acreditam, por exemplo, que toda uma série de perversões de fixação deve necessariamente ter tido como base uma fraqueza congênita da pulsão sexual. A afirmação parece-me insustentável nesta forma, mas torna-se engenhosa se se referir a uma fraqueza constitucional de um fator da pulsão sexual, nomeadamente, a zona genital, que mais tarde, no interesse da propagação, aceita como função a soma das atividades sexuais individuais. Neste caso, a soma exigida na puberdade deve falhar e o mais forte dos outros componentes sexuais continua a sua atividade como uma perversão.[13]

\*Repressão.\* - Outra questão surge se, no decorrer do desenvolvimento, certos componentes poderosos sofrerem uma repressão - o que devemos observar cuidadosamente que não é uma suspensão. As excitações em questão são produzidas normalmente, mas são impedidas de atingir seu objetivo por obstáculos psíquicos e são levadas a muitos outros caminhos até se expressarem num sintoma. O resultado pode ser uma vida sexual quase normal - geralmente limitada - mas complementada por doenças psiconeuróticas. São esses casos que nos são tão familiares através da investigação psicanalítica dos neuróticos. A vida sexual de tais pessoas começa como a dos perversos: uma parte considerável de sua infância é preenchida com atividade sexual perversa que ocasionalmente se estende muito além do período de maturidade, mas devido a razões internas resulta então uma mudança repressiva - geralmente antes da puberdade, mas de vez em quando até muito mais tarde - e deste ponto em diante, sem qualquer extinção dos antigos sentimentos, aparece uma neurose em vez de uma perversão. Pode-se lembrar aqui o ditado: "Junge Hure, alte Betschwester" - só que aqui a juventude se revelou muito baixa. O alívio da

perversão pela neurose na vida da mesma pessoa, bem como a distribuição acima mencionada da perversão e da histeria em diferentes pessoas da mesma família, devem ser colocados lado a lado com o fato de que a neurose é o negativo da perversão.

**\*Sublimação.\*** - A terceira questão nas disposições constitucionais anormais é possibilitada pelo processo de "sublimação", através do qual as excitações poderosas de fontes individuais de sexualidade são descarregadas e utilizadas em outras esferas, de modo que um aumento considerável da capacidade psíquica resulta de uma predisposição, em si perigosa. Isto constitui uma das fontes da atividade artística e, conforme tal sublimação seja completa ou incompleta, a análise do caráter de pessoas altamente dotadas, especialmente de pessoas com disposição artística, mostrará qualquer mistura proporcional entre capacidade produtiva, perversão e neurose. Uma subespécie de sublimação é a supressão através da formação reativa, que, como descobrimos, começa ainda no período de latência da infância, apenas para continuar ao longo da vida em casos favoráveis. O que chamamos de caráter de uma pessoa é construído em grande parte a partir do material das excitações sexuais; é composto de impulsos fixados desde a infância e conquistados por meio da sublimação, e de construções destinadas a suprimir eficazmente aqueles sentimentos perversos que são reconhecidos como inúteis. A disposição sexual perversa geral da infância pode, portanto, ser considerada como fonte de uma série de nossas virtudes, na medida em que incita a sua criação através da formação de reações.[14]

**\*Experiências Acidentais.\*** - Todas as outras influências perdem importância quando comparadas com as descargas sexuais, mudanças de

repressões e sublimações; as determinações internas dos dois últimos processos são-nos totalmente desconhecidas. Aquele que inclui repressões e sublimações entre as predisposições constitucionais, e as considera como manifestações vivas das mesmas, tem certamente o direito de sustentar que a estrutura final da vida sexual é acima de tudo o resultado da constituição congênita. Nenhuma pessoa inteligente, contudo, contestará que numa tal cooperação de fatores há também espaço para as influências modificadoras de fatores ocasionais derivados da experiência na infância e mais tarde.

Não é fácil estimar a eficácia dos fatores constitucionais e dos fatores ocasionais na sua relação entre si. A teoria tende sempre a superestimar a primeira, enquanto a prática terapêutica dá destaque ao significado da última. Não se deve de forma alguma esquecer que entre os dois existe uma relação de cooperação e não de exclusão. O fator constitucional deve aguardar experiências que o tragam à tona, enquanto o ocasional necessita do apoio do fator constitucional para se efetivar. Na maioria dos casos, pode-se imaginar um chamado “grupo etiológico”, no qual as intensidades decrescentes de um fator são equilibradas pelo aumento dos outros, mas não há razão para negar a existência de extremos nas extremidades do grupo.

Estaria ainda mais em harmonia com a investigação psicanalítica se as experiências da primeira infância ocupassem um lugar de preferência entre os fatores ocasionais. O único grupo etiológico é então dividido em dois, que podem ser designados como grupos disposicional e definitivo. A constituição e as experiências infantis ocasionais são tão cooperativas no primeiro quanto a disposição e as experiências traumáticas posteriores no

segundo grupo. Todos os fatores que prejudicam o desenvolvimento sexual mostram o seu efeito na medida em que produzem uma regressão ou um retorno a uma fase anterior de desenvolvimento.

Podemos agora continuar com a nossa tarefa de enumerar os fatores que se tornaram conhecidos por nós como influentes para o desenvolvimento sexual, sejam eles forças ativas ou meras manifestações dos mesmos.

**\*Prematuridade.\*** - Tal fator é a prematuridade sexual espontânea, que pode ser definitivamente demonstrada pelo menos na etiologia das neuroses, embora em si seja tão pouco adequada para a causalidade quanto os outros fatores. Manifesta-se numa ruptura, encurtamento ou suspensão do período de latência infantil e torna-se causa de perturbações, na medida em que provoca manifestações sexuais que, quer devido ao estado despreparado das inibições sexuais, quer devido ao estado subdesenvolvido do sistema genital, só podem carregar consigo o caráter de perversões. Essas tendências à perversão podem permanecer como tais ou, depois que a repressão se instala, podem tornar-se forças motrizes para sintomas neuróticos; em todo caso, a prematuridade sexual torna difícil o desejável controle posterior da pulsão sexual pelas influências psíquicas superiores e aumenta o caráter compulsivo que, mesmo sem essa prematuridade, seria reivindicado pelos representantes psíquicos do impulso. A prematuridade sexual muitas vezes ocorre paralelamente ao desenvolvimento intelectual prematuro; encontra-se como tal na história infantil dos indivíduos mais distintos e mais produtivos e, em tal conexão, não parece agir tão patogenicamente como quando aparece isolado.

\*Fatores Temporais.\*--Assim como a prematuridade, outros fatores, que sob a designação de temporais podem ser somados à prematuridade, também exigem consideração. Parece estar filogeneticamente estabelecido em que seqüência os sentimentos impulsivos individuais se tornam ativos e por quanto tempo eles podem se manifestar antes de sucumbirem à influência de um impulso ativo que surge recentemente ou a uma repressão típica. Mas tanto nesta sucessão temporal como na duração da mesma parecem ocorrer variações que devem exercer uma influência definida na experiência. Não pode ser indiferente se uma determinada corrente aparece antes ou depois da sua contracorrente, pois o efeito de uma repressão não pode ser regressivo; um desvio temporal na composição dos componentes produz regularmente uma alteração no resultado. Por outro lado, os sentimentos impulsivos que aparecem com especial intensidade muitas vezes chegam a um fim surpreendentemente rápido, como no caso da ligação heterossexual dos homossexuais manifestados posteriormente. Os esforços da infância que se manifestam de forma mais impetuosa não justificam o medo de que dominem de forma duradoura o caráter do adulto; temos o mesmo direito de esperar que eles desapareçam para dar lugar aos seus homólogos. (Mestres severos não governam por muito tempo.) Dificilmente somos capazes de sugerir a que se pode atribuir tais confusões temporais dos processos de desenvolvimento. Abre-se aqui uma visão para uma falange mais profunda de problemas biológicos, e talvez também históricos, que ainda não abordamos a uma distância de combate.

\*Adesão.\* - A importância de todas as manifestações sexuais prematuras é reforçada por um fator psíquico de origem desconhecida que, no momento,

pode ser apresentado apenas como uma preliminar psicológica. Acredito que é a elevada adesão ou fixidez dessas impressões da vida sexual que nos neuróticos posteriores, bem como nos pervertidos, deve ser acrescentada para completar os outros fatos; pois as mesmas manifestações sexuais prematuras em outras pessoas não podem impressionar-se suficientemente profundamente para se repetirem compulsivamente e conseguirem prescrever o caminho para a pulsão sexual ao longo da vida. Talvez parte da explicação para essa adesão resida em outro fator psíquico que não podemos deixar de perceber na causação das neuroses, a saber, na preponderância que, na vida psíquica, recai sobre os traços de memória em comparação com as impressões recentes. Este fator aparentemente depende do desenvolvimento intelectual e cresce com o crescimento da cultura pessoal. Em contraste com isto, o selvagem tem sido caracterizado como “a infeliz criança do momento”. [15] Devido à relação de oposição existente entre a cultura e o livre desenvolvimento da sexualidade, cujos resultados podem ser rastreados até à formação da nossa vida, o problema de como a vida sexual da criança evolui é de muito pouca importância para a vida posterior nos estágios inferiores da cultura e da civilização, e de grande importância nos superiores.

\*Fixação.\*--A influência dos fatores psíquicos mencionados favoreceu o desenvolvimento dos impulsos acidentalmente experimentados da sexualidade infantil. Estas últimas (especialmente na forma de seduções através de outras crianças ou através de adultos) produzem o material que, com a ajuda das primeiras, pode fixar-se como uma perturbação permanente. Um número considerável de desvios da vida sexual normal observados mais tarde foi assim estabelecido em neuróticos e pervertidos

desde o início, através das impressões recebidas durante o alegado período sexualmente livre da infância. A causalidade é produzida pela capacidade de resposta da constituição, pela prematuridade, pela qualidade da adesão intensificada e pela excitação acidental da pulsão sexual através de influência externa.

As conclusões insatisfatórias que resultaram desta investigação dos distúrbios da vida sexual devem-se ao fato de que ainda sabemos muito pouco sobre os processos biológicos em que consiste a natureza da sexualidade para formar, a partir de nossos exames isolados, uma teoria satisfatória para a explicação do normal ou do patológico.

[1] As diferenças serão enfatizadas na representação esquemática apresentada no texto. Até que ponto a sexualidade infantil se aproxima da organização sexual definitiva através da sua seleção objetal já foi discutida anteriormente (p. 60).

[2] Veja meu trabalho, *O Chiste e sua Relação com o Inconsciente*, traduzido por A.A. Brill, Moffat Yard Pub. Co., Nova York: "O prazer preliminar obtido pela técnica da inteligência é utilizado com o propósito de liberar um prazer maior pela remoção de inibições internas."

[3] Cf. *Zur Einführung des Narzismus*, *Jahrbuch der Psychoanalyse*, VI, 1913.

[4] É necessário deixar claro que as concepções "masculino" e "feminino", cujo conteúdo parece tão inequívoco ao sentido comum, pertencem aos termos mais confusos da ciência e podem ser divididas em pelo menos três caminhos. Às vezes usamos o masculino e o feminino no sentido de

atividade e passividade, novamente no sentido biológico, e depois também no sentido sociológico. O primeiro desses três significados é o essencial e o único utilizável na psicanálise. Concorde com a designação masculina da libido no texto acima, pois a libido está sempre ativa mesmo quando é dirigida para um objetivo passivo. O segundo, o significado biológico do masculino e do feminino, é aquele que permite a determinação mais clara. O masculino e o feminino são aqui caracterizados pela presença do sêmen ou óvulo e pelas funções que deles emanam. A atividade e suas manifestações secundárias, como músculos mais fortes e desenvolvidos, agressividade, maior intensidade de libido, estão, via de regra, soldadas à masculinidade biológica, mas não necessariamente ligadas a ela, pois há espécies de animais nos quais essas qualidades são atribuídas à fêmea. O terceiro, o significado sociológico, recebe o seu conteúdo através da observação dos indivíduos masculinos e femininos reais existentes. O resultado disso no homem é que não existe masculinidade ou feminilidade pura, seja no sentido biológico ou psicológico. Pelo contrário, cada pessoa individual apresenta uma mistura das suas próprias características sexuais biológicas com as características biológicas do outro sexo e uma união de atividade e passividade; este é o caso quer esses traços característicos psicológicos dependam do biológico ou sejam independentes dele.

[5] A psicanálise ensina que existem dois caminhos para encontrar o objeto; a primeira é a discutida no texto que se orienta pelos primeiros protótipos infantis. O segundo é o narcisista que busca o seu próprio ego e o encontra no outro. Este último é de particular importância para os resultados patológicos, mas não se enquadra na conexão aqui tratada.

[6] Aqueles para quem esta concepção parece "perversa" podem ler o tratado de Havelock Ellis sobre as relações entre mãe e filho, que expressa quase as mesmas ideias (O Impulso Sexual, p. 16).

[7] Pela explicação da origem do medo infantil, devo muito a um menino de três anos que certa vez ouvi chamar de um quarto escuro: "Tia, fale comigo, estou com medo porque está escuro." "Como isso vai te ajudar?", respondeu a tia; "você não pode ver de qualquer maneira." "Isso não é nada", respondeu a criança; "se alguém fala, então se torna luz." - Ele não tinha, como vemos, medo da escuridão, mas tinha medo porque sentia falta da pessoa que amava, e poderia prometer se acalmar assim que tivesse certeza de sua presença.

[8] Cf. aqui o que foi dito na página 83 sobre a seleção do objeto da criança; o "fluxo terno".

[9] A barreira do incesto provavelmente pertence às aquisições históricas da humanidade e, como outros tabus morais, deve ser fixada em muitos indivíduos através da hereditariedade orgânica. (Cf. meu trabalho, Totem e Tabu, 1913.) Os estudos psicanalíticos mostram, contudo, quão intensamente o indivíduo luta contra as tentações do incesto durante seu desenvolvimento e com que frequência ele as coloca em fantasias e até mesmo em realidade.

[10] Compare a descrição relativa à relação inevitável na lenda de Édipo (A Interpretação dos Sonhos, p. 222, traduzido por A.A. Brill, The Macmillan Co., Nova York, e Allen & Unwin, Londres).

[11] Inúmeras peculiaridades da vida amorosa humana, bem como a própria compulsividade de estar apaixonado, certamente só podem ser compreendidas através de uma referência à infância ou como um remanescente efetivo da mesma.

[12] Isso era verdade não apenas para as tendências "negativas" à perversão que aparecem na neurose, mas também para as chamadas perversões positivas. Estas últimas não devem ser atribuídas apenas à fixação das tendências infantis, mas também à regressão a essas tendências devido ao deslocamento de outros caminhos da corrente sexual. Conseqüentemente, as perversões positivas também são acessíveis à terapia psicanalítica. (Cf. os trabalhos de Sadger, Ferenczi e Brill.)

[13] Aqui muitas vezes vemos que a princípio um fluxo sexual normal começa na idade da puberdade, mas devido à sua fraqueza interior ele se desfaz no primeiro obstáculo externo e depois muda da regressão para a fixação perversa.

[14] Esse observador atento da natureza humana, E. Zola, descreve uma menina em seu livro, *La Joie de vivre*, que em alegre auto-renúncia oferece tudo o que possui ou espera, sua fortuna e esperanças de vida para aqueles que ela ama sem pensar em retorno. A infância desta menina foi dominada por um desejo insaciável de amor que sempre que era depreciada a fazia mergulhar num ataque de crueldade.

[15] É possível que a adesão intensificada seja apenas o resultado de uma manifestação sexual somática intensa e especial de anos anteriores.